

material do entendimento, não he sufficiente. O coração he, que de *algum modo* se deve unir a Deos; se quizermos ser, não como o povo Judaico reprehendido por Isaias; e por JESVS Christo nestas palavras: *Este povo honra-me com os labios, porem o seu coração se acha de mim afastado*; mas sim como os verdadeiros adoradores, que adoraõ o Pai em espirito e verdade. O coração do peccador que deseja converter-se a Deos, postoque ainda não esteja unido a elle, ao menos vai-se-lhe aproximando: hum tal peccador appresenta-se justamente no Templo á maneira do Publicano, e estando ainda ao longe clama a Deos: *Deos sêde propicio a este peccador*: e verdadeiramente applica ás suas chagas o santo sacrificio de propiciacão, que se offerece pela salvaçãõ dos peccadores. O coração porem do peccador, que he contumaz, está muito longe disto. Tudo o que se faz na Missa está convencendo ao peccador impenitente, de que elle não tem naquillo parte alguma. Por quanto a confissãõ humilde dos peccados, a absolviçãõ geral, e as oraçoens que se dizem, antes de subir ao altar o Sacerdote, como tambem as que se seguem, quando elle sobe ao mesmo altar, e igualmente o jubilo dos Graduæes, o pranto dos Tractos, a leitura dos documentos Apostolicos e Evangelicos, a profissãõ publica da fé, a oblaçãõ dos dons sagrados; tudo isto, digo, que cõnexãõ e relaçãõ pôdem ter com hum peccador contumaz, o qual não se accusa com detestaçãõ de haver peccado, que não cuida na absolviçãõ, que não pede o ser vivificado, que não he capaz de alguma santa alegria, nem se acha tocado de triilteza alguma, que santa seja; que re-

siste

ziste aos conselhos e preceitos dos Apostolos e do Evangelho, que confessa conhecer a Deos só com a boca, porem o nega com as obras, que não concorre á Missa para dar a Deos, o que elle só agradece, que he hum coração contrito e humilhado? Porem como poderá elle ter parte no que ha de mais intimo naquelles augustos misterios?

Como poderá responder *amen* á oração secreta do Sacerdote? Como poderá responder, sem mentir, que tem o coração elevado a Deos, quando o Sacerdote o excita dizendo-lhe, *que levante o coração para Deos?* Como poderá misturar a sua voz com a dos Cherubins, e Serafins para cantar com elles *o Santo, Santo, Santo?* Como poderá meter-se no numero daquelles, dos quais diz o Sacerdote: *pelos quais te offerecemos, ou que te offerecem este Sacrificio de louvor, pela redempção das suas almas?* Porem ouçamos do Veneravel Cardeal Bellarmino o como poderá o peccador concorrer á Missa, para dizer com o Sacerdote e mais fieis, a oração Dominical: ,, Se não deseja, diz elle, a graça
 ,, da conversão, nem a pede do coração, mas
 ,, ou sómente óra com os labios e por costume,
 ,, ou, o que he peior, para ser visto dos ho-
 ,, mens; não só nada alcança, mas de mais a
 ,, mais a sua oração lhe he imputada a peccado,
 ,, pois mente em quasi todas as petições. Por-
 ,, que como pôde dizer *Padre Nosso* aquelle,
 ,, que não quer ser filho? E que *seja santificado*
 ,, o teu nome, quando por elle he blasfemado o
 ,, nome de Deos? E que *venha o teu reino*, ao
 ,, mesmo tempo que nada mais teme, do que a
 ,, sua vinda? E que *se faça a tua vontade*, quan-
 ,, do

„ do elle não faz a vontade de Deos, mas tam-
 „ sômente a sua? (a). „

3.º O repouso da festa, significado pela pala-
 vra Hebraica *Sabath*, não deve ser hum repou-
 so Judaico, e porisso detestado por Deos, mas
 sim hum repouso verdadeiramente christão, e
 santo. Porque de outro modo que cousa ha,
 que seja mais inepta e desordenada, do que fa-
 zer parar as obras manuaes, santas em si, re-
 cômendadas pelo Apostolo, praticadas pelos
 Monges no meio do seu retiro e oraçoens, uteis
 á sociedade, necessarias ás familias, uteis para
 fugir o ocio, pai dos vicios; não se empregan-
 do hum tal repouso em cousas melhores, e
 mais santas, quais são ouvir e meditar a pala-
 vra divina, fazer oração, receber os Sacramen-
 tos; em huma palavra, não empregando hum
 tal repouso, em faze-lo hum verdadeiro re-
 pouso da alma, que he o verdadeiro Sabatismo
 espiritual? Ora que cousa ha, que mais con-
 traria seja a este repouso, do que permanecer
 no affecto ao peccado mortal? Humas poucas
 de horas empregadas em trabalhar, violaõ o dia
 de festa, porque he impeditivo do recolhimen-
 to, e repouso espiritual mandado por Deos;
 postoque os Monges nos hajaõ ensinado com o
 seu exemplo, que aquelle trabalho se pôde mui-
 to bem conciliar com o recolhimento e repouso
 espi-

(a) Bellarm. *Si non cupit gratiam conversionis, nec ex ani-
 mo illam petit, sed vel orat solis labiis, & consuetudine, vel
 quod gravius est, ut videatur ab hominibus, non solum nil im-
 petrat, sed etiam ejus oratio fiet in peccatum, cum in singulis se-
 re petitionibus mentiatur. Quomodo enim potest dicere: Pater
 noster, qui non vult esse filius? & sanctificetur nomen tuum,
 per quem nomen Dei assidue blasphematur? Et adveniat regnum
 tuum, qui nil magis quam adventum Domini timet? Et fiat vo-
 luntas tua, qui suam non Dei voluntatem semper facit?*

espiritual: e não violará este preceito o affecto ao peccado, que he absolutamente incompativel com aquelle repouso espiritual, e que dura por toda a festa?

4.º A festa he especialmente destinada para o exercicio do culto divino. Porem este culto, que he mandado andar de companhia com o dia de festa, poderá por ventura compadecer-se com o affecto ao peccado mortal? Porquanto he hum principio capital de S. Agostinho (a), *que Deos deve ser honrado com a fé, esperança, e charidade*, e especialmente com o amor; pois como o mesmo Santo diz em outro lugar (b) *elle não he honrado senão amando-o*; e em outra parte (b) diz, *que este he o culto, que se deve dar a Deos, que esta he a verdadeira religião, que esta he a verdadeira piedade, e que esta he tamfõmente a verdadeira servidaõ, que a Deos se deve*. E porisso o peccador não pôde cumprir verdadeiramente o preceito do culto divino, mandado nos dias de festa, senão offerecendo o sacrificio de hum coração contrito, e humilhado, que he o que Deos delle pede, como alli diz o S. Doutor (d): *Não quer o sacrificio de se lhe matar huma rez, mas quer sim o sacrificio de hum coração contrito*.

§. XXII.

(a) Enchr. c. 3. *Fide, spe, & charitate colendum Deum.*

(b) Ep. 140. alias 120 ad Honorat. c. 18. *Non colitur ille nisi amando.*

(c) L. 10. de Civ. Dei c. 4. *Hic est Dei cultus, hæc vera religio, hæc recta pietas, hæc tantum Deo debita servitus.*

(d) Ibid. c. 6. *Non vult sacrificium trucidati pecoris, sed vult sacrificium contriti cordis.*

§. XXII.

He affaz provavel, que haja huma igual obrigação nos dias destinados pela Igreja ao jejum e á penitencia.

RECEIO muito, que o que havemos dito a respeito dos dias festivos, se deva tambem dizer dos dias consagrados pela Igreja á penitencia e ao jejum, e que assim sobrevindo tambem o dia de huma Vigilia de preceito, ou de Temporas, ou da Quaresma seja obrigado o peccador, (ao menos se tem obrigação de jejuar) que se acha em peccado mortal, a depôr o affecto ao mesmo peccado, e principiar ao menos a sua conversão. A este receio me obrigaõ argumentos, aos quais confesso que não sei responder.

He certo que a Igreja quando nos manda jejuar, a sua tenção não he mandar-nos observar hum jejum judaico, que he desagradavel a Deos, e inutil aos fieis; mas sim hum jejum christão, isto he, verdadeiramente pio e religioso, e porisso que seja agradavel a Deos, e dirigido á salvação espiritual do que jejua; do mesmo modo que, quando ella manda ouvir Missa, confessar-se, cõmungar, não manda a mera materialidade destas obras, mas sim o formal dellas, que consiste em se fazerem piamente: porisso foraõ condenadas as duas horriveis proposições a respeito da confissão e cõmunhaõ sacrilegas, havidas por sufficientes, para cumprir o preceito Ecclesiastico.

Ora o jejum daquelle, que não só está em peccado mortal, mas tambem com o affecto ao peccado mortal, não pôde ser pio nem religioso,

fo, porque não se pôde compadecer com o affecto ao peccado mortal, nem ainda com o principio da verdadeira piedade e religião, como he claro: hum semelhante jejum se acha expressamente reprovado por Deos nos Judeos, como se vê em Isaias, e em Joël; e alem dillo he contrario ao espirito da Igreja, como se colhe da sua Liturgia, e muito principalmente do que se lê no Missal, quarta feira de cinza; e por consequencia hum tal jejum não se pôde chamar christão.

Logo parece ser sem duvida que o peccador, que ellá obrigado ao jejum, deve em semelhantes dias depôr o affecto ao peccado mortal, e principiar ao menos sinceramente a sua conversão. A proposição menor, que acima puz, he huma regra ensinada, e doutamente provada por Natal Alexandre com a Escritura, e Padres. A passagem de Isaias no cap. 58 he decisiva. Vendo os Hebreos daquelles tempos que eraõ afflitos com calamidades, haviaõ recorrido ao jejum, porem debalde. A' vista do que queixaraõ-se a Deos, dizendo-lhe (a): *Porque razão jejuando nós não puzestes em nós os olhos?* Deos mandou ao Profeta que levantasse a voz, á maneira de huma trombeta, para fazer conhecer áquelle povo, que a Deos não agrada o material do jejum, nem o effeito da abstinencia material, que he a prostração das forças corporacs, e o não poder segurar a cabeça com firmeza. *Clama*, diz Deos ao Profeta (b), e não

(a) Isa. c. 58. *Quare jejunavimus, & non respexisti?*

(b) Ib. *Clama ne cesses, quasi tuba exalta vocem tuam. . . . Numquid tale est jejunium, quod elegi, per diem affligere hominem animam suam? Numquid contorquere quasi circulum caput suum, & saccum, & cinerem sternere? Numquid istud vocabis jejunium, & diem acceptabilem Domino?*

cesses, e levanta, á maneira de huma trombeta, a tua voz. . . Porventura o jejum que me he agradavel, será que o homem afflija o seu corpo de dia? Será que gire em roda com a cabeça, e que se deite em sacco e cinza? Chamarás a isto jejum, e dia aceito ao Senhor? Esta afflicção e humilhação exterior então seria do agrado de Deos, se fosse feita com o espirito interior da penitencia. Porem vós não tendes este espirito de compunção. Antes pelo contrario, eu acho a vossa vontade apegada ao peccado: *Eis ahí*, diz o Senhor (a), que no mesmo dia do vosso jejum se acha a satisfação da vossa vontade. Nesse mesmo dia ha furtos, exações crueis, litigios, contendas, bulhas: chega ao ceo o clamor dos vossos peccados: Por isso, não jejueis como até agora, para que o vosso clamor seja ouvido lá no alto (b). O jejum que eu quero, deve ser acompanhado da verdadeira penitencia interior, que ponha remedio ás desordens, ponha fim aos peccados, faça exercitar as virtudes, e principalmente a charidade para com os pobres: Porventura, diz o Senhor (c), não será antes o que eu vou a dizer, o jejum que me he agradavel? Solta as ligaduras da impiedade, livra os vexados. . . distribue o teu pão ao que tem fome, e dá albergue em tua casa aos pobres, e vagabundos &c. Não he menos forte Joel (d): Peloque diz o Senhor, con-

K 2

ver-

(a) Ib. *Ecce in die jejunii vestri invenitur voluntas vestra.*

(b) Ib. *Nolite jejunare sicut usque ad hanc diem, ut audiantur in excelsis clamor vester.*

(c) *Ila. supr. Nonne hoc est magis jejunium quod elegi? Dissolve colligationes impietatis, solve fasciculos deprimentes. . . frange esurienti panem tuum, & egenos, vagosque induc in domum tuam &c.*

(d) C. 2. v. 12. *Nunc ergo dicit Dominus: convertimini ad me in toto corde vestro, in jejuniis, et in fletu, et in planctu, et scindite corda vestra, et non vestimenta vestra.*

vertei-vos para mim de todo o vosso coração, no jejum, e no choro, e no pranto, e rasgai os vossos corações, e não as vossas vestes.

As passagens dos Santos Padres a este respeito são bastantemente fortes: S. Basilio diz ,,
 ,, Guarda-te de medires a utilidade do jejum só
 ,, pela abstinencia dos comeres. Pois o *verda-*
 ,, *deiro* jejum he o estar apartado de todos os
 ,, vicios . . . O que jejua deve *antes de tudo* ter
 ,, hum coração contrito, e apartar de si todas
 ,, as más concupiscencias ,, . . . Eis-aqui em que
 consiste o *verdadeiro* jejum, como diz S. João
 Chrysostomo: ,, Justamente nos reprehenderão
 ,, os infieis, e as más lingoas por culpa nossa
 ,, se levantarão, para detrahirem a religião, se
 ,, os costumes dos que jejuão forem discordan-
 ,, tes da pureza, que deve haver na perfeita
 ,, abstinencia. Porquanto não se encerra o *nosso*
 ,, *jejum* sómente na abstinencia dos comeres:
 ,, de balde, e sem fruto se nega o mantimento
 ,, ao corpo, se a alma se não apartar do que he
 ,, máo: são palavras de S. Leão, e em outra
 parte diz ,, A instituição Apostolica, que man-
 ,, da jejuar quarenta dias, não se cumpre tam-
 ,, sómente com a abstinencia e parcimonia dos
 ,, comeres, mas *principalmente* com a privação
 ,, dos vicios. Porque sendo o fim desta macera-
 ,, ção cohibir os estímulos dos desejos carnaes,
 ,, está bem claro, que *nenhum outro genero* de
 ,, abstinencia com mais cuidado se deve procu-
 ,, rar, do que a *sobriedade e abstinencia da nossa*
 ,, *injusta vontade*, e o izentar-nos de toda a
 ,, acção desordenada. ,,

É pelo que toca á Igreja, he fóra de toda
 a duvida que a publicação, que ella faz do je-
 jum,

jum, he ao mesmo tempo huma publica intimação da penitencia, em que devem entrar os fieis. Mostra-se isto com toda a evidencia pelas sagradas cinzas, que a Igreja põe na cabeça dos mesmos fieis no principio do jejum da Quaresma; pelas oraçoens, com que acompanha aquella santa cerimonia; pelas liçoens que tira dos Profetas e do Evangelho, e pelos hymnos e collectas de toda a Quaresma (a).

O mesmo se deve dizer á proporção tanto do jejum das Temporas, como do das Vigílias. E assim parece ser cousa clara, que hum peccador, o qual nem ainda principia a detestar o seu peccado, mas antes continua no affecto, que tem ao mesmo; parece, digo, ser cousa clara, que hum tal peccador resiste claramente á Igreja, fecha os ouvidos á voz publica da mesma, que o está chamando ao arrependimento, e que por isso mesmo deve ser tido por ethnico e publicano.

Comtudo porque ainda me não tem chegado ás mãos Theologo algum, que trate precisamente este ponto, ao menos de proposito; e tambem parece que S. Antonino diz alguma palavra contra o que proponho, porisso suspendo o meu juizo, e deixo a averiguação de tudo a quem souber mais do que eu.

§. XXIII.

Como se devem referir as nossas doçoens a Deos, para fugir do mesmo peccado venial, e tambem para obrar com perfeição.

PARECE ser necessario, ou ao menos conveniente, para tratar cabalmente desta materia, de-

(a) Quadr. Hymn. Mat. Hymn. Laud. Hymn. Vesp.

depois de haver-mos determinado o tempo, em que se devem referir as acçoens a Deos, para evitar-mos o peccado mortal; o ajuntarmos aqui algumas advertencias, para haver-mos de evitar ainda o mesmo peccado venial, e procurar-mos para as nossas acçoens tudo o que as pôde conduzir á sua possivel perfeição, á qual nos promove o preceito da charidade. Talvez será util aos Cathechistas o acharem aqui em breve, e em huma vista de olhos, todas as principaes advertencias, que se devem propor aos fieis em huma materia tão importante, e tão pratica, e que se estende por todas as acçoens christãas.

O fundamento e base destas advertencias consistirá em fazer bem perceber ao povo, qual he a extenção do preceito do amor de Deos. As expressoens com que he proposto este preceito são as mais efficazes, que se pôdem empregar, para expressar hum amor, que se estende a todas as acçoens as mais piquenas, tanto internas como externas do homem, a todas as occasioens, e a todos os momentos. *Amarás*, são as palavras do preceito, *ao Senhor teu Deos com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento, e com todas as tuas forças*: isto não he hum conselho, mas hum preceito e hum preceito *maximo e principal*. Alguns Theologos (sem fallar dos que não reconheceraõ nestas expressoens de tanta força preceito algum de amar a Deos) limitaõ este preceito ao unico objecto de não obrar cousa alguma contra Deos, isto he, a não lhe antepôr cousa alguma creada, e julgaõ poderem fundamentar este seu parecer com a authoridade do Doutor Angelico.

Porem se em alguns lugares parece dizer o San-

to Doutor, que a perfeição da charidade, isto he, o amar perfeitamente a Deos, não he do preceito, já vimos tambem que, segundo o seu modo de fallar, isso não quer dizer, que amando-se a Deos com huma tibieza voluntaria, se não peque nem ainda venialmente, mas tambem que se não pecca mortalmente (a). Elle explica isto claramente nestas palavras (b); *Aquelle, que nesta vida não cumpre com este preceito, não obrando todavia cousa alguma contra o amor divino, não pecca mortalmente.*

Por outra parte o Santo Doutor confirma o sentimento de S. Agostinho seu Mestre, e he, que o preceito da charidade encerra huma tão grande perfeição, que se não pôde cumprir nesta vida: e que isso não obstante, o preceito de amar a Deos perfeitamente nos he imposto ainda mesmo nesta vida. O Santo Doutor naquella mesma questão cita expressamente a passagem de S. Agostinho no livro *Da perfeição da justiça* contra a 17 objecção de Celestio, onde diz, que este preceito não se cumpre senão no ceo, aonde a charidade será plena; e que com tudo tambem nos he posto o mesmo preceito nesta vida, para que saibamos qual he o termo a que se deve encaminhar todo o curso desta vida. Isto mesmo torna a repetir S. Agostinho contra os Pelagianos, fallando assim (c): „
„ Quan-

(a) Supr. §. XVI.

(b) *Qui in via hoc præceptum non implet, nil contra divinam dilectionem agens, non peccat mortaliter.* 22. q. 44. art. 6. ad 2.

(c) *De spiritu & littera cap. ult. Cum ab hac peregrinatione . . . perventum fuerit ad speciem . . . proculdubio et ipsa dilectio . . . supra quam intelligimus, erit; nec ideo tamen plus esse poterit, quam ex toto corde, ex tota anima, ex tota mente. Neque enim restat*

„ Quando desta perigriuação . . . se passar para
 „ a contemplação . . . sem duvida o mesmo
 „ amor . . . entaõ será muito superior ao que
 „ podemos perceber : e comtudo esse mesmo
 „ amor não poderá ser mais do que de todo o
 „ coração , de toda a alma , e de todo o enten-
 „ dimento. Por quanto nada em nós restar pô-
 „ de, que se possa accrescentar ao amar de todo o
 „ coração &c. ; e se restar alguma cousa , entaõ
 „ não será amar de todo o coração &c. Pelo que
 „ este deve ser o primeiro preceito da justiça ,
 „ pelo qual sômos mandados amar a Deos com
 „ todo coração , com toda a alma , e com todo
 „ o entendimento . . . o qual *cumpriremos intei-*
 „ *ramente na outra vida , quando virtuosos face-*
 „ *a face.* Porem a razãõ por que *ainda agora*
 „ *nos he posto este preceito* , he para sermos ad-
 „ vertidos do que devemos pedir pela fé , e o
 „ para onde devemos encaminhar de antemaõ a
 „ nossa esperança , e a que cousas sempre para
 „ diante nos devemos hir avançando , esque-
 „ cendo tudo o que fica para traz. „

Firmado neste fundamento principalmente
 he, que S. Agostinho estabeleceo , fallando con-
 tra os Pelagianos, e que o Concilio Tridentino
 igualmente ensinou contra os hereges modernos
 (a), *que não havia alguem que nesta vida fosse taõ*

restat in nobis aliquid quod addi possit ad totum ; quia si resta-
bit aliquid , non erit totum. Proinde hoc erit primum præceptum
justitiæ quo jubemur diligere Deum ex toto corde , ex tota anima ,
et ex tota mente . . . quod in illa vita complebimus , cum vide-
bimus facie ad faciem. Sed ideo nobis hoc etiam nunc præceptum
est , ut admoneremur quid fide exposcere , quo spem præmittere ,
et obliuiscendo quæ retro sunt , in quæ anteriora nos extendere de-
beamus.

(a) Sess. 6. c. 11. *Licet enim in hac vita mortali quantum-*
vis sancti , et justii in leuia saltem et quotidiana (quæ et jam

santo (exceptuando o Santo dos Santos, e sua Mãe Santissima), que pudesse levar huma vida, que fosse isenta de peccados veniaes, sem que para isso tivesse hum especial privilegio de Deos: não obstante saber-mos que tem havido Santos dotados de huma charidade ardentissima, e que tem tido huma summa vigilancia sobre todos os seus movimentos, tanto externos como internos. O que acontece, segundo advertem S. Agostinho e S. Thomaz, por causa da concupiscencia, effeito desgraçado do peccado original; a qual concupiscencia, posto que os Santos em si bastantemente mortifiquem e abatao nesta vida, comtudo não pôde ser inteiramente extincta, sem que primeiro pela morte seja destruido este corpo animal, que he o assento da mesma concupiscencia, e venha a resurgir o corpo espiritual, no qual a morte da concupiscencia fique inteiramente absorvida pela victoria de JESUS Christo.

Deste principio se pôdem, ao meu vêr, deduzir algumas verdades, que se devem inculcar opportunamente aos fieis.

I. A primeira verdade he, que se pôde faltar ao preceito da charidade de muitos modos. 1.º O primeiro modo he proprio dos peccadores manifestos, que cõmettem peccados mortaes, e he muito mais proprio dos que vivem voluntariamente nesses peccados: pois estes não só recusaõ amar a Deos de todo o coração, e com todas as suas forças, e posses; mas de mais a mais o não

venialia dicuntur) peccata quandoque cadant, non propterea desinunt esse justii; nam justorum illa vox est, et humilis, et verax: Dimitte nobis debita nostra. Can. 23. Siquis hominem semel justificatum dixerit . . . posse in tota vita peccata omnia etiam venialia vitare, nisi ex speciali Dei privilegio, quemadmodum de Beata Virgine tenet Ecclesia, anathema sit.

amaõ de modo algum , nem ainda com o mais infimo grão da verdadeira e propriamente chamada charidade , pois pospõem Deos ás creaturas , amando mais que elle os bens , os prazeres , e as honras.

2.º O segundo modo de faltar ao preceito da charidade he proprio dos mundanos , que ás vezes entre os homens tem o nome de estarem vivos , porem estão mortos nos olhos de Deos : porquanto supposto elles se lisongecem de terem huma charidade sufficiente , para se julgarem estarem na graça de Deos ; pois julgaõ estarem resolutos a fugirem ao peccado mortal ; comtudo achaõ-se manifesta e positivamente determinados a não amarem a Deos com fervor ; querendo satisfazer os desejos humanos em tudo , até aquelle ponto , em que podem , segundo imaginaõ , evitar o peccado mortal. Estes taes pertendem , contra o Evangelho , unir ao mesmo tempo Deos e o Mundo , Christo e Belial ; pertendem ser discipulos de JESUS Christo , sem renunciarem , com o coração , aquillo que possuem : e com manifesta injustiça querem fazer no seu coração diferentes demarcaçoens , e assim dividirem em duas huma possessão , a qual toda pertence a Deos por titulos incontestaveis , dando della huma só parte a Deos , e a outra ao mundo.

3.º O terceiro modo de faltar ao preceito da charidade he proprio dos Christãos negligentes , os quais com effeito não recusaõ manifesta e positivamente entregarem-se a Deos ; não tendo porem bem comprehendido , ou não tendo bem ponderado a força do preceito da charidade , praticamente vão andando , e passando a vida

priguiçosa e descuidadamente, sem pensamento algum de procurarem ter hum amor diligente e fervoroso. Em que estado se achem semelhantes almas, eu me não atrevo a decidilo; he contudo fóra de toda a duvida, que aquelle estado he muito perigoso, e digno de castigo grave.

4.º Finalmente o quarto modo de faltar ao preceito da charidade he proprio dos justos, os quais se achão persuadidos da obrigação, que tem de amarem a Deos de todo o coração, e quanto pôdem; e porisso põem em pratica, ou mais ou menos, as diligencias, para esse fim conducentes. Mas porque, não obstante terem estampada no seu entendimento esta lei da charidade, tem tambem nos seus membros outra lei contraria, que he a da concupiscencia, a qual se oppõe aos seus santos propositos; porisso praticamente não obraõ todo o bem que querem, nem com aquelle fervor e prontidão que querem; antes muitas vezes obraõ algum piqueno mal, que não quereriaõ: e assim estes, poltoque cumpraõ a substancia do preceito, pois amaõ verdadeiramente a Deos, e procuraõ ama-lo de todo o coração, e com todas as forças; não o amaõ todavia com toda a perfeição, que requerem as expressoens maravilhosas do preceito, e que não he possivel nesta vida, em que peregrinaõ: e por essa razão, assim como nos passos, que daõ no caminho da charidade, merecem á proporção do maior ou menor fervor, com que correm; igualmente peccaõ venialmente todas as vezes em que, cedendo á concupiscencia, affrouxaõ negligentemente a sua carreira.

Póde-se, segundo me parece, fazer esta
dou-

doutrina palpavel com humia semelhança. Supponhamos hum Cavalheiro, o qual entrega humia carta ao seu creado, e lhe diz: leva esta carta a tal parte, porem leva-a sempre correndo com todas as tuas forças; pois esta he a maior e a mais importante das minhas ordens. Supponhamos que o creado lhe respondia: Senhor, não só não quero correr levando a tua carta, mas nem ainda por modo algum a quero levar; está claro que hum tal creado merece ser despedido do serviço de seu amo, como expressamente contumaz, e resistente aos seus preceitos. Porem se o creado disselle: eu levarei a tua carta, porem não quero leva-la a correr: quero hir com todo o meu socego: quero descansar e parar: quero conversar com os meus amigos, e entreter-me em alguma cousa curiosa, que pelo caminho encontrar; he igualmente claro, que hum tal creado mereceria tambem ser despedido, como contumaz e rebelde, senão a todo o preceito, como fez o primeiro, ao menos á segunda parte do mesmo preceito. Se porem o creado nada respondesse em contrario, porem recebida a carta para a levar, e, ou por não ter comprehendido, ou por não ter bem ponderado o preceito de correr, fosse andando e levando em substancia a carta, mas com todo o seu socego, parando muitas vezes, entretendo-se já em humia já em outra parte; na verdade não seria expressamente contumaz, nem talvez mereceria ser despedido da casa de seu amo; mereceria porem sem duvida não só humia grave reprehensão, mas tambem hum exemplar castigo. Se finalmente o creado recebesse a carta com animo não só de leva-la,

e de leva-la correndo, mas de mais a mais com animo de correr quanto pudesse, e correndo effectivamente, e principiando a sua carreira alegre e animosamente; porem ao depois, no decurso da carreira, já veneido pela natural averfaõ ao trabalho, já attrahido por alguma cousa curiosa de quando em quando, ou affrouxasse o passo mais ou menos, ou tambem por algum momento parasse; este creado assim como era merecedor do seu premio pelos passos vigorosos que deu, tambem pelos momentos em que affrouxou, ou parou, mereceria reprehensãõ, porem nunca o ser despedido.

II. A segunda verdade dependente da primeira he, *que este preceito obriga o Christão a amar a Deos quanto pôde, isto he, segundo as forças, que se acha que tem: De todas as tuas forças, diz o preceito. O que se pôde confirmar com hum principio de S. Agostinho (a); e he, que a justiça pede, que as cousas se amem e prezem, segundo merecem.* Deos sem duvida merece hum amor infinito. Seria pois justo que o amassemos com hum amor infinito. Ora já que o homem, por ser de forças taõ limitadas, o naõ pôde amar quanto elle merece, he bem justo que o ame quanto pôde. Por tanto falta-se a esta obrigação mais ou menos gravemente, segundo o que acima se tem explicado (b).

III. A terceira verdade he, *que naõ basta amar a Deos segundo as forças, que presentemente se tem, mas devem-se procurar forças sempre maiores, para o amar sempre mais.* A charidade
pó-

(a) De Doctr. Christ. cap. 27. *Ille juste et sancte vivit, qui rerum integer aestimator est.*

(b) Vid. S. Thom. 22. q. 17. art. 6. ad 3.

pôde-se aumentar ao infinito , diz S. Thomaz (a) , porque á proporção que hum ama adquire sempre forças maiores para amar sempre mais. Ora se o Christão deve amar quanto pôde, como acima se disse , e pôde sempre aumentar as suas forças para amar sempre mais , porque razão não estará obrigado a procurar estas novas forças ? He bella a passagem de S. Agostinho (b) , que S. Thomaz cita no lugar apontado. ,, Irmãos , seja em nós continua esta expressão. ,, Seja qual for o tempo , que aqui vivermos , ,, seja qual for o aproveitamento que tivermos , ,, nunca digamos , basta-me , sou justo. Quem ,, assim o disser , pára no caminho , não sabe ,, chegar : onde quer que disser , basta , alli fi- ,, cou. ,, O mesmo repete em outro lugar (c) : *Anda sempre* , diz elle , *acrescenta sempre , aproveita sempre ; se disseres , basta , pereceste*. Isto porem não quer dizer , que estejamos obrigados a hir sempre crescendo effectivamente na charidade ; porque pôdem estar muito bem estas duas cousas ao mesmo tempo , quais são , procurar crescer , e não crescer ; como tambem , procurar crescer , e diminuir. Aquelle que navega em hum lago focegado , por pouco que mova os remos , sempre vai para diante ; porem aquelle que navega contra a corrente de hum rio arrebatado , aindaque reme fortemente , muitas vezes nada se adianta , e outras vezes deixa-se levar

(a) 22. q. 24. art. 7.

(b) In Psal. 69. *Hæc vox perseveret in nobis , fratres. Quantumcumque hic vixerimus , quantumcumque hic profecerimus , nemo dicat : sufficit mihi , justus sum. Qui dixerit , remansit in vita , non novit pervenire : ubi dixerit , sufficit , ibi hæsit.*

(c) Serm. 109. al. 15. de verb. Apost. *Semper ambula , semper adde , semper profice ; si dixeris , sufficit , periisti.*

levar agoa abaixo. Rio terrivel he o da nossa concupiscencia, a qual em certas circumstancias havendo-se engrossado fóra do costume pelas occupaçoens mundanas, pela qualidade dos paizes, das casas, das pessoas, com as quais he necessario viver; pelo fervor da mocidade, ou pela inercia e estupidês da velhice, pelos objectos, pelos discursos, pelas perseguiçoens, ou favores do mundo; faz inuteis os nossos esforços, com que emprendemos adiantar-nos na virtude, se os nossos esforços não forem muito grandes e continuos; o que o nosso bom Deos nos não imputa a culpa, com tanto que não larguemos o nosso bom proposito de adiantar-nos o possivel, e abracemos aquella santa advertencia (a): *Faze penitencia, e torna às tuas primeiras obras.*

IV. A quarta verdade he, *que a perfeição christãa, em hum verdadeiro sentido, não he de mero conselho, mas sim de preceito.* Porquanto se não ha perfeição maior que a de amar a Deos com todo o coração, e de mais a mais perfeição tão grande, que nesta vida não he possivel o consegui-la, como acima se disse; fica sendo cousa clara, que a perfeição, ao menos possivel, he de preceito pelos modos acima explicados; pois he de preceito e não de mero conselho o amar a Deos com todo o coração. E por esta razão não he inteiramente verdadeiro o que alguns dizem, que não he senão hum conselho aquelle dito do Evangelho: *Sêde perfeitos assim como vosso Pai celeste he perfeito: como tambem que o Padre Eterno nos ha escolhido em Christo, para que sejamos santos e immaculados perante elle*
na

(a) Apoc. c. 2. v. 5. *Age poenitentiam, et prima opera fac*

na charidade. He verdade que não estamos obrigados a ser perfeitos e santos ; mas estamos obrigados a procurar sê-lo. Porque a primeira cousa he impossivel para muitos segundo as forças , que presentemente tem ; e porisso não pode ser de preceito , pois Deos não obriga ao que he impossivel ; e nem ainda mesmo he de conselho , pois igualmente Deos não aconselha o que he impossivel : porquanto a primeira cousa seria injusta , e a segunda imprudente e ridicula : Porem o procurar ser perfeito e santo a ninguem he impossivel , pois cada hum pôde servir-se das forças que tem para amar a Deos , e amando-o assim , procurar forças novas , para o amar sempre mais : peloque sendo isto possivel he tambem de obrigação ; pois he huma expressa injustiça o não amar a Deos , o melhor que se pôde ao menos , já que se não pôde amar quanto elle merece. Isto mostra que a applicação e perseverança na oração , a abnegação da propria vontade , a vigilancia christãa , a mortificação dos desejos , a frequente participação da Eucharistia , o ouvir e meditar a divina palavra , que são os meios ordinarios para nos santificar-mos , não são cousas de mera supererogação , como tantos e tantos julgão , e porisso se dispensão destas com tanto socego e desembaraço.

V. A quinta verdade he , *que consistindo a perfeição em se referirem a Deos perfeitamente todas as nossas acçoens , este referir as acçoens a Deos não he tão facil , como muitos julgão.* Porque se o referir as acçoens a Deos não fosse outra cousa mais , do que recolher-se hum dentro de si por hum pouco , e dizer , *eu quero fa-*

zer tudo , ou fazer isto e aquillo para gloria de Deos , confesso que pouco custaria isso , porque se pode fazer com qualquer piqueno grão de charidade. Huma cousa porem he o dize-lo , e outra o faze-lo. Se o propor fazer huma cousa fosse o mesmo que faze-la , em que consistirão os peccados dos Santos , os quais tomaõ medidas tam exactas para sempre obrarem com huma intenção a mais pura ? Os seus propositos são grandes e maravilhosos : esquadrinhaõ o mais piqueno movimento interno e externo , para o regularem exactamente : dispõem todos os meios para reduzirem os seus propositos á practica : não se contentaõ de que cada movimento seja bom , desejaõ que seja optimo : e isso não obstante , os seus santos e quotidianos gemidos , com que dizem , e devem dizer cada dia , *perdsai-nos as nossas devidas* , mostraõ claramente , que a concupiscencia (por mais mortificada que esteja , porem não extinta) alcança de vez em quando vantagens sobre elles ; faz-lhes violar os propositos , altera no acto de obrar as suas intençoens , e inficiona em parte com o seu subtil veneno as suas acçoens as mais santas. Isto he que fazia dizer a Job , (homem o mais santo dos seus tempos , e que Deos havia declarado não haver igual a elle na terra na sua simplicidade , e rectidão de intençoens) fazia-lhe dizer , digo , *que receava e temia de todas as suas obras , sabendo que o Senhor não perdoava ao que era delinquente (a)*. Não temia peccar , e incorrer no castigo de Deos só por algumas das suas obras ; mas receava e temia de todas : *Est*

L

re-

(a) Job. Verebar omnia opera mea , sciens , quod non parceret delinquenti.

receava e temia, dizia elle, *de todas as minhas obras*. As mais santas obras, que elle fazia, não o punhaõ em seguro. Não era isto esculpulo, nem huma vã apprehensãõ, diz S. Gregorio Magno, era a luz de Deos, propria dos que são Santos. *Porque*, diz S. Gregorio (a), *apenas se consegue que no mesmo acto de virtude se não introduza alguma culpa*. E isto por duas razões. ,, *Duas cousas são*, diz elle (b), as que ,, com muito cuidado se devem acantellar e re- ,, cear nas boas obras, a saber, a *frouxidaõ*, e a ,, *fraude* . . . muitas vezes as nossas boas obras ,, deixaõ de o serem pela *fraude*, que as rou- ,, ba; o que succede quando se introduzem nas ,, nossas acçoens as concupiscencias terrenas. ,, Muitas vezes tambem insinuando-se-lhes a ,, *frouxidaõ*, vem a ser as nossas acçoens defei- ,, tuosas; porque descahindo nós do fervor, ,, com que as começamos, ellas se vem a mur- ,, char, por se resfriar em nós o amor. ,, E as- ,, fim não basta ensinar aos fieis o uso, com que fantamente devem offerecer a Deos pela manham todas as obras do dia. Este uso he utilissimo, porem não he sufficiente, nem ainda para fazer *virtual* (ou, como neste sentido lhe chama S. Boaventura, *habitual*) a intençãõ, como he necessario para que as obras sejaõ meritorias. *Chamo relação habitual*, diz o Santo, (c) *não aquella, pela qual qualquer refere a Deos em*

(a) *Quia culpæ subreptio vel in ipso virtutis actu vix vincitur.*

(b) *Duo quippe sunt, quæ in bonis operibus necesse est ut studiose formidentur, desidia videlicet, & fraus. . . sæpe enim bona nostra latrocianti fraude percunt, quia viciis se nostris actibus concupiscentiæ terrenæ subjungunt. Sæpe desidia interveniente deficiunt, quia fervore, quo capta sunt, frigescente amore tabescunt.*

(c) *In. 2. Sent. dist. 41. q. 3. n. 35. Relationem habitualement*

em geral todas as obras do dia ou do anno: mas sem aquella, que de tal sorte refere a Deos alguma obra, que a obra que se lhe segue tem para aquella primeira obra huma relação directa, e a faz ser sua consequencia. Por tanto he necessario persuadir os fieis, que devem cuidar de proposito em diminuir a concupiscencia, e aumentar a charidade com a oração, com a mortificação, e com os exercicios da piedade christãa. Porque de outro modo, quanto por huma parte será a cada hum facil o formar boas intenções geraes, antes de começar as acções, tanto por outra parte será difficultoso o conseguir na pratica que a concupiscencia não intrometa, e substitua, no acto mesmo de obrar, em lugar das intenções santas, que se propuzeraõ por motivo da charidade, outras intenções desordenadas de vaidade, de interesse, de complacencia propria; e isto não só nas acções indifferentes, como são o trabalhar, negociar, comer, beber, divertir-se; mas tambem nas acções mais santas, e que por si mesmas são dirigidas a Deos, como são as esmolas, os bons conselhos, as correções caritativas, as orações &c. Com effeito como pode ser que hum coração todo cheio do amor do mundo, sem exercicio algum de mortificação, que olha as riquezas como huma felicidade, os prazeres como a sua bemaventurança, o applauso dos homens como premio das suas boas obras; como pode ser, digo, que hum tal coração obre na pratica

L 2

ca

voco, . . non qua quis in generali refert ad Deum omnia opera dei, vel anni: sed qua quis refert aliquod opus ad Deum ita, quod opus sequens directam habeat ad opus primum ordinationem, & consequentiam.

ca por hum fim inteiramente puro da divina gloria , e não obre por interesse , por propria satisfação , e por vãa gloria ?

He muito preciso ensinar os fieis a abrirem os olhos neste ponto , o qual he de huma pratica continua , e desfazer as illusoens frequentissimas , com que o amor proprio os engana , persuadindo-lhes o haverem obrado por hum fim puro , ao mesmo tempo que , sem o pensarem , as suas intençoens tem sido manchadas e alteradas pela concupiscencia. Para este fim se lhes podem propor as regras seguintes.

§. XXIV.

*Regras para discernir na pratica , quando as
nossas obras se referem a Deos verda-
deiramente.*

1. **A**S nossas intençoens não se devem julgar puras , nem o são nos empregos , que occupamos nas nossas profissoens , quando por occasião dos mesmos empregos e occupaçoens cõmettemos frequentemente peccados , ainda que elles só sejaõ veniaes. O Negociante que procura anciosamente o ganho , e que tendo a cabeça cheia dos seus negocios he notavelmente negligente na oração ; o official , que falla com desabono dos mais que são do seu officio ; o trabalhador e camponez , que nos dias de Festa frequentemente trabalha alguma cousa ; o litigante , que tem alguma averção ao seu adversario , e que se não presta com toda a sinceridade , e boa disposição a alguma composição honesta &c. , podem por ventura persuadir-se que
ne-

negociação, trabalho, e que litigação com huma intenção pura de darem gloria a Deos? Desses máos frutos bem se está conhecendo a má arvore de huma intenção de interesse, e de ter riquezas, que os produz.

2. Quando se fazem obras não só indifferentes, mas ainda boas, porem são feitas em circumstancias de tempo, de modo, ou de lugar &c. que as tornaõ viciosas, a intenção não pode ser pura. Tal he o que come sem verdadeira necessidade de sustentar-se; aquelle que se arremeça ao comer com impeto; o que come bastante do que gosta, aindaque menos saudavel, e pouco do que não gosta, aindaque saudavel: comeffeitõ estes e outros semelhantes podem lifongear-se, de que comem puramente para gloria de Deos? Tal he tambem o que joga pela manham, ou quando não tem necessidade alguma de recrear-se, e alliviar-se; ou joga por demasiado tempo, ou arrisca huma notavel somma ao jogo, ou com detrimento das suas incumbencias, ou dos exercicios costumados de piedade: Tal he igualmente aquelle, que faz esmolas notaveis estando carregado de dividas, as quais não pode satisfazer: aquelle, que gasta muito tempo em fazer oração na Igreja, quando as suas obrigaçoens o estão chamando para casa; ou emprende dilatadas romarias, quando o cuidado da sua familia está pedindo a sua assistencia.

3. He tambem final manifesto que se não procura só a gloria divina, mas em grande parte a nossa satisfação, quando, entre as obras boas, nos applicamos áquellas, que o nosso proprio juizo nos sugere, e omittimos aquellas, que

que nos são recômmendadas pelo conselho de pessoas graves : ou exercemos com mais vontade daquellas , que são da nossa escolha , do que daquellas , que nos são impostas pela obediencia , ou pelas obrigaçoens do nosso estado. Pois a pura intenção pede , que nós só busquemos descobrir a divina vontade , e fazer a vontade de Deos : e para sabermos qual seja a vontade de Deos , assim como são pouco seguras as nossas luzes , tanto mais são convenientes os conselhos , a obediencia , e o que nos he imposto pelos nossos deveres.

4. He igualmente certo , que se não procura puramente a Deos nas obras boas , mas sim a nós mesmos , em tudo ou em parte , quando estando promptos a faze-las , quando são louvadas pelos homens , com a mesma promptidão as deixamos todas as vezes que sabemos , que nos haõ de grangear algum escarneo e desprezo. Ou tambem quando fazendo as nossas obras boas , nos comprazemos dellas em nós mesmos , desvanecendo-nos ; ou procurando fazel-las de modo que sejaõ vistas e louvadas pelos homens ; ou , depois de as havermos feito , fallamos dellas em abono nosso , ou sentimos prazer quando outros as louvaõ , e levamos a mal quando no las censuraõ : o mesmo se deve dizer , quando sentimos inveja de outrem fazer o que nós fazemos , ou quando pretendemos ter a principal parte em huma empreza , a que nos achamos alliados ; ou sentimos a mesma inveja , quando vemos que outrem o faz melhor do que nós , e com mais fruto e applauso ; muito principalmente se nos haviamos opposto a isso , ou havemos murmurado disso.

§. XXV.

Epilogo e pratica para os Cathecismos.

REDUZAMOS agora a poucas palavras toda a doutrina do exercicio das Virtudes Theologaes, que se tem explicado neste Parecer, concluindo-o com a pratica das Instruçoens e Cathecismos, que se devem nesta materia fazer ao povo.

1. He preciso inculcar aos Fieis que Deos nos manda crer, esperar e amar Sua Divina Magestade.

2. Que a Fé, Esperança e Charidade são as tres virtudes, que formão o proprio e essencial caracter do Christão, e que ellas o distinguem do Gentio e do Judeo.

3. Que em consequencia disto o exercicio destas tres virtudes deve ser *continuo* no Christão; pois o Christão deve obrar sempre como Christão, e nunca como Gentio, ou como Judeo; e porisso o exercicio destas virtudes não pode ser restringido a exercerem-se tãsomente em *momentos raros e transitorios*, nos quais hajamos de revestir-nos do caracter de Christão, para o largarmos logo, e tornarmos a tomar o caracter do Gentio ou do Judeo, para nelle continuarmos a viver a maior parte do tempo.

4. Que este exercicio assim como deve ser *continuo*, deve ser tambem *real e solido*, nem deve consistir só em *pensamentos e palavras*, mas tambem em *obras* e em verdade.

5. Que devendo pois ser o exercicio destas virtudes praticado *com obras, e em verdade*, está claro que se não devem separar nem as obras da verdade, nem a verdade das obras. As obras

feitas para observar a lei divina , porem que são feitas sem intenção de agradar a Deos , e sem affecto algum para elle , e por isso produzidas sem huma verdadeira fé , esperança e charidade , de que não provém , são obras separadas da verdade ; com as quais poderemos talvez fazer crer aos homens , que só vêem o exterior , que cremos , esperamos e amamos , porem não a Deos , que vê o coração : e porisso semelhantes obras não bastaõ , não digo ja para cumprir o preceito das virtudes principaes , quais são as Theologaes , para cumprimento do qual se achão destinados todos os mais preceitos ; mas ainda mesmo taes obras não são sufficientes , para cumprir com os mesmos preceitos secundarios. E muito menos pode bastar para o exercicio das virtudes Theologaes o affecto tamfomente , quer seja ou não exprimido exteriormente com palavras e expressoens , porem não acompanhado com obras ; pois isso não seria mais que huma fé fingida , huma esperança morta , e huma charidade chimerica e illusoria.

6. Que á vista disto o verdadeiro exercicio das virtudes Theologaes consiste , pelo que toca a fé , em tomar tamfomente a luz desta para por ella guiarmos os nossos passos ; renunciando em consequencia disso ás luzes falsas do mundo , aos seus conselhos , ás suas maximas , aos seus usos , ás suas leis , e tomando , para regra de viver , as leis , maximas , conselhos , e exemplos de Jesus Christo , e da Igreja herdadeira do seu espirito. Pelo que respeita á esperança ; emprendendo o bem , não nos devemos apoiar e firmar nas proprias forças e talentos naturaes , mas tamfomente na graça de Jesus Chri-

Christo ; esperando a recompensa não dos louvores dos homens , e dos bens do mundo , mas a da gloria e herança celeste. Em quanto á charidade ; fazer tudo não por proprio gosto e capricho , nem pelo amor natural dos filhos , da patria e dos amigos , ou tão somente pelo temor dos castigos de Deos , mas sim pelo verdadeiro e sincero desejo de dar-lhe gloria , e fazer a sua fantissima vontade.

7. Que aquelle verdadeiramente crê , espera e ama , que refere todas as suas acçoens a Deos : e que se falta ao exercicio das virtudes Theologaes , á proporção que se falta á obrigação de se referirem as obras a Deos.

8. Que quem vive em peccado mortal falta essencialmente a esta obrigação , e por isso tem obrigação gravissima de converter-se para Deos quanto mais depressa.

9. Que Deos tem destinado todos os Domingos , e a Igreja todos os dias Santos para o culto divino ; e que este culto não se pode dar sem o exercicio das virtudes Theologaes. Que por isso naquelles dias não pode o peccador , sem novo peccado , deixar ao menos de começar a sua conversão , e dirigir-se para Deos. O que tambem parece dever-se dizer dos dias , que a Igreja tem destinado para o jejum , e para a penitencia.

10. Que pelo que toca aquelles , que pertendem fazer huma expressa repartição das suas acçoens , dando huma parte a Deos , e outra ao mundo , estes faltaõ gravemente ao preceito das virtudes Theologaes , as quais consagraõ todo o homem inteiro a Deos.

11. Que se não ha esta vontade expressa de
que-

querer dar metade a Deos, e metade ao mundo, e com tudo, pelo modo de viver, he como se se tivesse essa vontade, esse tal acha-se pelo menos em hum estado muito perigoso, e digno de castigo.

12. Que os justos, em quanto vivem na graça de Deos, e se exercitaõ em obras boas para o servirem, cumprem essencialmente com o preceito das virtudes Theologaes: a fé destes he verdadeira, a sua esperanza he viva, e a sua charidade he obradora, e todas ellas saõ ao mesmo tempo moralmente continuas. E porisso não devem inquietar-se, se por acaso não podem reter no seu entendimento, e lembrarem-se de certas formulas particulares, para exprimirem e protestarem com esta formalidade escolastica a sua fé, esperanza e amor: as quais formulas postoque *saõ em si utilissimas*, como veremos, comtudo não saõ necessarias.

13. Que devem igualmente capacitar-se estas almas justas, que o preceito das virtudes Theologaes obriga a huma perfeição taõ grande, á qual não he possivel chegar nesta vida; e isso não obstante he de hum verdadeiro preceito; não para serem dignas de castigo por não chegarem ao que lhes he impossivel; mas sim para se lhes mostrar a quelle termo perfeito, para o qual devem incessantemente correr; e de que se fazem culpaveis, quando negligentemente deixaõ de fazer o que lhes he possivel, para chegarem alli; não só usando das forças que presentemente tem, mas tambem procurando sempre novas pelo exercicio daquellas mesmas virtudes.

14. Que o referir verdadeiramente as nossas

acçoens a Deos, he cousa bastantemente difficullosa, e muito mais do que se cuida; pois os mesmos Santos faltaõ a isso frequentemente, cahindo em peccados veniaes. E que postoque seja cousa muito util o dirigir a Deos pela manhã todas as acçoens do dia, e muito mais o dirigir a Deos cada huma das nossas acçoens particulares; comtudo isto naõ basta sempre na pratica, pois a concupiscencia, que nunca será inteiramente extinta, muitas vezes nos faz largar o bem que queriamos fazer, e obrar o mal que naõ queriamos, quebrantando deste modo os nossos propositos: e no mesmo bem que obramos se introduz subtilmente a mesma concupiscencia, e sem que o percebamos; e faz-nos obrar naõ para huma pura gloria de Deos, mas por prazer, por interesse, por vaidade, ou por outros respeitos baixos.

15. Que porisso he necessario, por huma parte diminuir o impedimento da concupiscencia, e pela outra aumentar as forças da charidade, da esperanza, e da fé, quanto se puder.

16. Que a concupiscencia se extingue pedindo a Deos a victoria della, por meio da oração, e combatendo-a com a mortificação.

17. Que a fé se aumenta, e cada vez mais se vai purgando o entendimento com a sua luz, e livrando das trevas da concupiscencia, pedindo a Deos a sciencia dos Santos, e ouvindo, lendo, e meditando a sua palavra; que he lanterna para os nossos pés, e luz para os nossos passos nas trevas deste mundo, e fechando os ouvidos aos falsos discursos do Seculo.

18. Que a esperanza se vai cada vez fortificando mais, purgando o nosso coração da

pre-

presumpção de nós mesmos, e da desconfiança de Deos; o que se effectua pedindo a Deos huma inteira desconfiança de nós mesmos, e huma grande confiança em Deos.

19. Que aquelles mesmos exercicios, com os quaes se fortifica a fé, e a esperança, e se diminue a concupiscencia, aumentaõ ao mesmo tempo a charidade.

20. Que finalmente todas aquellas trez virtudes se aumentaõ com a devota assistencia e participação dos santos misterios, e com o exercicio das boas obras, principalmente com o da charidade para com o proximo.

PARTE SEGUNDA.

Do uso das Formulas ou Protestações, chamadas Actos das virtudes Theologaes.

§. 1.

Se ha necessidade de novas Formulas, para o exercicio das virtudes Theologaes, alem das que nos ensina a Escritura e a Igreja.

POSTOQUE em toda a Primeira Parte deste meu Parecer se acha demonstrado, que os Actos das virtudes Theologaes (cuja necessidade e frequencia nos he recommendada nas Sagradas Escrituras, na Tradição, e na celebre condemnação das escandalosas proposições de alguns maos Casuistas) não são os Actos, que entenderão os Escolasticos modernos, no sentido delles por nós ja explicado; mas sim que os Actos das sobreditas virtudes são todos os pensamentos, palavras e obras verdadeiramente christãs, e por isso produzidas pela luz, força, e principio interior daquellas divinas virtudes; ao mesmo tempo que os Actos dos Escolasticos não são mais que pensamentos, affectos e protestações daquellas mesmas virtudes Theologaes; comtudo estou bem longe de ter o arrojio e temeridade de desprezar, e ainda mesmo deixar de recomendar sumamente o uso das formulas de semelhantes protestações, que se chamaõ Actos das virtudes Theologaes; o qual uso com tam exemplar, e paternal disvello se acha recomendado pelos mais grandes Pastores da Igreja de Deos aos fieis. Aquel-

Aquelle que se arrojaſſe a deſaprovar geralmente o uſo de todas as pias fórmulas , com que ſe exprimem os actos interiores deſtas virtudes , não só feria temerario , mas tambem ſacrilego e blasfemador ; pois acometeria injurioſamente o meſmo Deos , que nos tem propoſto formulas excellentes deſtes actos nas ſuas Eſcrituras , e eſpecialmente nos Salmos ; e igualmente faria injuria á Igreja de Deos , a qual nos propõe muitas outras formulas nas ſuas oraçoens , na ſua Liturgia , no Symbolo Apoſtolico , e no Niceno-Constantinopolitano.

Aquelle tambem que ſe arrojaſſe a dizer , que não ha preceito algum , que faça neceſſario o uſo de ſemelhantes formulas geralmente tomadas , proferiria huma propoſição não só falſa , mas insolente ; ſendo claro , que o Symbolo , a oração Dominical , os Salmos , e as oraçoens da Igreja conſtituem a parte mais conſpiciua do culto divino : e poriſſo o uſo deſtas formulas he mandado á Igreja em geral , e em particular a todos os fieis , os quaes ſe não eſtaõ obrigados a reza-las , eſtaõ ſem duvida obrigados a ratifica-las , quando os Miniſtros da Igreja , em ſeu nome , as rezaõ. Para não fallar no Symbolo e oração Dominical , de que cada fiel , que diſſo he capaz , deve indispensavelmente uſar , ainda no ſeu particular.

Tudo o ſobre que ſe pode diſputar , ſe reduz a ſaber ; ſe alem das formulas preſcritas por Deos e pela Igreja , ſe devaõ julgar neceſſarias de preceito outras formulas preſcritas por peſſoas particulares , que não podem representar a Igreja.

Não diſputamos aqui de formulas , que não ſe-

sejaõ formuladas exactamente , e que possaõ ou conter erros , ou pela sua ambiguidade dar lugar a ideas falsas destas virtudes. No seu lugar veremos , que naõ he impossivel encontrar semelhantes formulas em livrinhos espirituaes , e em outros folhetos de devoçaõ , que saõ espalhados por pessoas zelosas da salvaçaõ das almas , mas que naõ tem as luzes necessarias. A duvida reduz-se ás formulas naõ só pias , mas compostas com todo o rigor das formalidades escolasticas : pelo que da necessidade destas he que se disputa , considerando-as em si , e independentemente da obrigaçaõ de obedecer aos Prelados , que recõmendassem o seu uso , por motivos , que lhes podem occorrer , e dos quais naõ tem obrigaçaõ alguma de darem conta aos seus inferiores ; os quais pelo contrario , como subditos , devem prestar a sua prompta obediencia , sem pertenderem saber o por que assim saõ mandados.

Os Escolasticos que fazem consistir os Actos das virtudes Theologaes , sem duvida necessarios , em protestaçoens , e querem que estas sejaõ feitas com as suas formalidades , segundo expuzemos na primeira parte ; vem-se precisados a proporem como necessarias , naõ estas ou aquellas formulas em particular , (pois podem-se fazer com mais ou menos palavras , e ainda com differentes palavras , guardada a substancia) porem vem-se precisados absolutamente a proporem , como necessarias , formulas differentes daquellas , que temos na Escritura e nas deprecaçoens da Igreja ; por quanto nem nos Salinos , nem na oraçaõ Dominical , nem no Symbolo , nem nas oraçoens da Igreja encontraõ

trao formulas , compostas com aquellas formalidades escolasticas , que elles julgaõ serem necessarias.

Comeffeito (para principiarmos pelo que diz respeito á fé) o Symbolo , ou seja o Apostolico , ou seja o Niceno-Constantinopolitano , ou ainda o que he attribuido a S. Athanasio , saõ as formulas solenes , de que usa a Igreja , e que ella põe na boca dos fieis , para protestarem a fé christãa. Porem estas formulas , consagradas pela authoridade da Igreja , e das quaes ella faz uso no Baptismo , no tremendo Sacrificio , e nos louvores publicos que dá a Deos , de nenhum modo podem contentar aos Escolasticos. Elles na verdade achaõ nellas huma exposição miuda das verdades christãas , que se devem crer , e ainda mais copiosa do que elles pertendem ; pois elles contentaõ-se com especificarem tam somente os dois misterios , que elles dizem serem necessarios e principais , para se haverem de crer com necessidade de meio ; naõ achaõ porem alli duas cousas , que elles reputaõ deverem necessariamente entrar nos seus Actos , e vem a ser , o *motivo* , por que se devem crer , e a *firmeza* com que se devem crer. O Symbolo diz simplesmente : *Eu creio* ; e elles querem que , para se fazer hum Acto de fé exacto , he preciso dizer : *Eu creio , porque Deos , que o tem revelado , he a suprema e infallivel verdade , e o creio firmissimamente.*

E assim muito menos se podem contentar com a oração Dominical , para servir de formula exacta da *esperança e da charidade*. Pois bem longe de acharem nesta divina oração todas as suas formalidades , como elles o requerem , para

se formarem os Actos destas duas virtudes ; de mais a mais não achão alli nem ainda estas mesmas vozes : *espero* , e *amo* . Alem disto , he huma cousa inteiramente contraria á idea , que os sobreditos Escolasticos tem formado dos seus Actos , o pertender que com huma só formula se possa satisfazer aos Actos de duas virtudes , guardando precisamente nella todas aquellas distincões e caracteres differentes , que separaõ e distinguem aquellas duas virtudes huma da outra . É por essa razaõ nem o Symbolo , nem a oração Dominical podem cumprir , segundo os Escolasticos , para servirem de formulas , para as tres virtudes da fé , esperança , e charidade : e assim não se podem inteiramente capacitar da idea de S. Agostinho , o qual com ella se contenta (a) : *Tens o Symbolo* , diz elle , *e a oração Dominical* . Nestas duas cousas podes ver encerradas aquellas tres . *A fé crê , a esperança e a charidade oraõ* .

Se o Symbolo e oração Dominical os não contenta , muito menos os poderá satisfazer qualquer outra formula , ou da Escritura , ou das oraçoens Ecclesiasticas . Nestas oraçoens não encontro alguma , que os possa nem ainda soffrivelmente contentar . Igualmente não vejo nem nos Salmos , nem nos Canticos da Escritura cousa , que lhes possa servir para hum Acto de fé . Pelo que toca á esperança e charidade achão-se alli jaculatorias excellentes , que se chegaõ ás ideas delles , mas de nenhum modo as encerraõ todas . *Em vós , ó Senhor , eu esperei , não serei ja mais confundido* , he huma celebre

M

ja-

(a) Enchir. c. 7. *Ecce tibi est Symbolum, & Dominica oratio. In his duobus illa tria intueri, Fides credit, spes & scharitas orant.*

jaculatoria da esperança, tirada do Salmo trinta, o qual todo está cheio de sentimentos de confiança em Deos; e se acha no Ritual Romano, para ser sugerido aos enfermos, para esse mesmo fim. Porem alli não se expressa nem o que se espera, nem por que razão se espera; e muito mais porque a palavra *nao ferei confundido* não he hum futuro do indicativo, mas sim hum presente do optativo: ou, para melhor dizer, he huma deprecação para não ser ja mais confundido, e não huma simples expressão de confiança de não ser confundido. Nem tambem alli se exprime o motivo, por que se espera, ao menos não se acha nas palavras, que indicamos. E assim não pode contentar os desejos dos Escolasticos. O mesmo se deve dizer de outros lugares semelhantes.

E que diremos dos Actos de charidade? Contentar-se-hão os Escolasticos desta expressão do Salmo 17: *Amar-te-hei, ó Senhor, minha fortaleza*? Porem aonde está aqui a expressão, *de todo o meu coração*? E a fortaleza de Deos poderá ser o motivo do nosso amor em lugar do da sua bondade? E o *Amar-te-hei* no futuro, que exprime mais hum proposito de amar para o futuro, do que o amor que com effeito se tem de presente, servirá bem para exprimir, como se deve, o amor que se tem?

Eis aqui pois temos os Escolasticos reduzidos á necessidade de comporem formulas novas, e propolas aos fieis como necessarias. Porem por grande que seja o respeito, e veneração que lhes tenho, creio poder e dever dizer, sem lhes fazer injuria, que muito maior veneração se deve á Igreja de Deos, do que a elles. Praza a Deos,

Deos, que nunca me venha ao pensamento, que a Igreja *columna e apoio* (a) da verdade; doutrinada pelo Espirito Santo em toda a verdade necessaria á salvação, tenha estado até agora com os olhos fechados em huma materia, que he de preceito grave, e de hum preceito todo pratico, e que não tenha sabido propor aos fieis no decurso de tantos seculos formulas sufficientes para esse fim: e que os Escolasticos se tenham visto obrigados, de há pouco tempo para cá, a supprir e remediar com as suas formulas a huma tão notavel falta. Antes pelo contrario devemos dizer, que aquella pratica da Igreja, differente das formulas dos Escolasticos, mostra evidentemente que essas formulas escolasticas (alias recômendaveis como veremos) não são necessarias.

Julgão alguns que as novas formulas podem ser necessarias por esta razão; porque se observa, que pelo que respeita ao *Credo* e ao *Pater noster* os fieis o rezaõ sem reflexão alguma por hum certo habito; e que porisso não fazem com elles verdadeiros actos das virtudes Theologaes, os quais principalmente consistem na applicação do entendimento e do coração: e que as novas formulas, não sendo tão safadas pelo uso, pela sua novidade attrahem mais a reflexão, que he necessaria. Porem isto não prova o que se pertende; pois tambem as mesmas novas formulas, vindo-se a fazer familiares, degenerarão pouco a pouco, e virão a cahir no mesmo habito e falta de reflexão; e assim será necessario que se venha a inculcar mais e

M 2

mais

(a) Gr. *ἑδραίωμα*, *stabilimentum*, *basis*.

mais a attençaõ, que se deve ter para ellas, quando se pronunciaõ. E por quanto essas novas formulas nunca podem dispensar os fieis da reza quotidiana do *Credo* e do *Pater noster*, e da reflexaõ devota, com que a devem acompanhar, não parece bom expediente, que, para imprimir nelles o cuidado de huma tal reflexaõ, se lhes hajaõ de substituir outras formulas para os actos das virtudes Theologaes, e dar-lhes a entender de algum modo, que o *Credo* não he huma protestaçaõ solemne da fé christãa, e que o *Pater noster* não he hum exercicio divino da esperanza, e da charidade. Antes pelo contrario parece conveniente o dever-se fazer ás vezes, e para isso dar ao povo a vantajosa idea, que elle deve ter destas santas formulas; idea, que por outra parte he justa, e segundo a intençaõ da Igreja de Deos, e pratica da mesma.

§. II.

Excellencia das formulas da Escriitura, e da Igreja.

SEJA-ME permittido demorar-me por hum pouco neste ponto, para mostrar a excellencia, a utilidade, e ainda mesmo a necessidade das formulas, que nos são propostas pela Igreja; o que parece ser muito conveniente nestes nossos tempos, nos quais parece que o mundo corre insensivelmente, ainda nos mesmos exercicios de piedade, para o que he de nova invençaõ; e parece hir-se obscurecendo pouco a pouco a justa idea, e estimaçaõ que deve haver dos exercicios antigos, e estabelecidos pela authoridade publica. Comecemos pelo Symbolo.

Do

Do Symbols.

QUE cousa ha que seja mais veneravel do que esta Santa Formula, que tem por authores em algum sentido os mesmos Apostolos? esta he a antiga tradiçãõ confirmada por Tertulliano, e por S. Jeronymo: Formula, torno a dizer, que he sem duvida de huma tal antiguidade, que vai tocar nos principios da Igreja de Deos; que nos seculos, precedentes á heresia de Ario, foi a unica regra da fé de todas as Naçoens Christãas; e que ainda ao depois foi como o theor fundamental, de que se servio o Symbolo Niceno, e Constantinopolitano, como tambem todos os mais Symbolos das Igrejas particulares; que foi com todo o disvello conservada pela Igreja Romana, Cabeça de todas as Igrejas; e que esta mesma Igreja propõe antes de tudo para ser aprendida, e rezada no acto de se receber o sagrado Baptismo, e no principio da vida christãa; e que segundo diz S. Agostinho (a), era no seu tempo usada ao dar do Baptismo: *Estas palavras (do Symbolo), diz elle, são poucas no numero, mas grandes no seu peso, e segundo o costume de todas as Igrejas são fielmente intimadas aos que se haõ de baptizar*: Formula finalmente, que a mesma Igreja manda repetir muitas vezes nas horas Canonicas. E assim que cousa ha que possa ser mais util, para renovar frequentemente a nossa fé, do que servirmos de huma formula tão authorisada e santa; tendo igualmente a segurança de que se-

(a) Libr. de Gest. Pelag. n. 4. *Hæc verba (Symboli), quæ pauci numero, sed magna sunt pondere, more omnium Ecclesiarum fideliter baptizandis intimantur.*

seguimos nella a direcção da Igreja, Mestre infallivel, e do espirito de Deos, que a dirige; e de que exprimimos a nossa fé com hum tal numero de artigos, do qual se não pode suspeitar que seja ou demasiado, ou diminuto? Que cousa pode ser para nós mais devota, do que unirmos não só a nossa fé, mas tambem as nossas vozes com as dos Santos Apostolos, com as de todos os maiores Santos, com as de todas antigas Naçoens Christãas, e com as de todas as Igrejas Latinas?

Que formula de fé pode haver, que mais necessaria seja, do que aquella, que nenhum dos fieis pode ignorar, e da qual todos tem obrigação de usar continuamente, tanto nas oraçoens publicas, como nas particulares?

Que formula ha que seja mais facil para se mandar usar aos fieis no exercicio da sua fé, do que esta do Symbolo, que todos ja sabem, havendo-a bebido com o leite, ou que de nenhum modo podem ignorar e deixarem de aprender; e aprenderem não só na lingua latina, mas tambem na lingua vulgar? E assim bastará que os Parrochos preguem ao povo, que rezem o Symbolo com huma attenção e reflexão devota, para protestarem a sua fé: e com isto tudo ficará supprido. Aquelles porem, que se não contentão com isto, devem trabalhar para ensinarem ao povo as outras formulas, que sabe Deos quando feraõ bem aprendidas por todos, principalmente pelos pobres rusticos e rusticas, que assistem em paizes ermos e montanhezes; nos quais sabem muito bem os Parrochos, quanto he custoso o fazer bem aprender a todos na lingua vulgar, ainda o mesmo *Credo*.

Alem

Alem de tudo isto que formula ha, que seja mais exacta do que o Symbolo? Com effeito elle contem não só os misterios, que se devem crer por necessidade de meio, como fallão os Escolasticos, mas tambem encerra os outros artigos fundamentaes da nossa Religião; os quais pouco importa que se diga serem de meio ou de preceito, pois, seja como for, devem saber-se e crer-se expressamente por todos aquelles, que podem ser instruidos nelles, ou seja por meio do Symbolo, ou por qualquer outra formula. E se as formulas dos Escolasticos, que se pretende sejam necessarias, como mais exactas do que o Symbolo, se julgaõ indispensaveis para se cumprir o preceito de exercitar a fé; qual he a razão porque se não compõem de sorte, que com ellas se possa verdadeiramente cumprir com o preceito; isto he, porque se não compõem de sorte, que encerrem tudo o que he preciso crer de preceito?

O piíssimo, e doutíssimo Cardeal Bona tanto no livro *da divina Salmodia* (a), como no *das cousas liturgicas* (b), depois de haver referido, que o Papa Benedicto, ás instancias do S. Imperador Henrique, introduzio o cantar-se na Missa em lugar do Symbolo Apostolico, (do qual até então tansõmente havia usado a Igreja Romana) o Symbolo Constantinopolitano, (que ja se usava nas Igrejas de Hespanha, de França, e de Alemanha, para não falar das Igrejas Orientaes) cuidadosamente, tanto em hum como no outro lugar citado, acrescenta esta reflexão do igualmente piíssimo e dou-

(a) Cap. 16. §. 3. n. 4.

(b) Cap. 8. n. 2.

doutissimo Baronio no anno 1014 dos seus Annacs ; a qual reflexão o mesmo Cardeal Bona approva , como digna da sabedoria de Baronio : diz pois este (a) : *He isto muito bom , porem seria cousa mais grata e louvavel , se se tivesse dado preferencia á respeitavel antiguidade de mil annos , do que á novidade.* Pode-se applicar este sabio dito ao nosso intento , e julgar por cousa mais louvavel o não trocar a reza do Symbolo Apostolico pela das novas formulas , para o exercicio da fé. He verdade que pelo uso das novas formulas , estas não se pertendem introduzir no officio divino , substituindoas ao Symbolo , mas tamfõmente substituilas ao Symbolo nos exercicios particulares dos fieis. Porem tambem duas cousas são verdadeiras , a primeira he , que o Symbolo nos he proposto pela Igreja , não fõ para as funçoens publicas , mas tambem para os exercicios particulares : a segunda he , que a mesma disparidade que ha entre as funçoens publicas , e os exercicios particulares , a mesma , e talvez ainda maior , a ha entre o Symbolo Constantinopolitano , e as formulas particulares dos Escolasticos. Em quanto á primeira verdade basta reflectir na mesma pratica presente da Igreja , para que os fieis o rezem todos os dias nas suas oraçoens particulares. Esta pratica he antiquissima , e muito inculcada pelos Padres. S. Cyrillo de Jerusalem (b) fallando do Symbolo da sua Igreja diz assim : *Quero que vos lembreis delle pelas mesmas palavras , e que com todo*

(a) *Placent ista ; sed nobis gratius , si venerandæ antiquitati annorum mille magis delatum esset , quam novitati.*

(b) *Cathech. 5. n. 12. Quod quidem ipsis verbis meminisse vos volo. Et apud vos ipsos cum omni studio recitare. Et hoc viaticum in omni vitæ tempore habere.*

todo o cuidado o rezeis lá no vosso particular. E S. Ambrosio citado pelo Cardeal Bona no lugar ja citado, diz assim (a): *Devemos todos os dias de madrugada recordar-nos com muita particularidade do Symbolo, como divisa do nosso coração; ao qual tambem devemos recorrer quando alguma cousa nos horrorisa. Por quanto qual he o soldado, que estando na barraca, ou entrando na peleja, se acha sem o signal e divisa da sua milicia? E S. Agostinho (b): Recebei, meus filhos, a regra da fê, que he o Symbolo. E recebendo-o, escrevei-o no coração, e dizei-o todos os dias lá no vosso particular; antes que principieis a dormir, antes que principieis a andar, armai-vos com este Symbolo. Veja-se tambem o Serm. 58 n. ultimo.*

E pelo que pertence á segunda verdade, quem ha que não veja que o Symbolo Constantinopolitano não he menos authorisado que o Apostolico? Por quanto tambem foi, para assim dizer, ditado pelo mesmo Espirito Santo á Igreja, congregada primeiramente no Concilio Niceno, e depois no de Constantinopola, e ja desde então se achava em uso na Liturgia, não só em toda a Igreja Oriental, mas tambem em grande parte da Occidental: e alem disso havia hum tão justo motivo de o introduzir na Liturgia para o imprimir na memoria dos fieis (alem do Symbolo Apostolico, que se não queria abolir por aquelle) como hum antidoto

(a) Ub. supr. *Symbolum specialiter debemus, tamquam nostri signaculum cordis, antelucanis horis quotidie recensere; quo etiam cum horremus aliquid, assidue recurrendum est. Quando enim sine militiae sacramento miles in tentorio, bellator in praelio?*

(b) D. Symb. Serm. ad Cath. n. 1. *Accipite filii regulam fidei, quod Symbolum dicitur. Et cum acceperitis, in corde scribite, & quotidie dicite apud vos: antequam dormiatis, antequam procedatis, isto Symbolo vos munite.*

doto contra as heresias , as quais foraõ de proposito combatidas no que se ajuntou ao Symbolo Apostolico pelo de Nicea , e de Constantinopola. Ao mesmo tempo que os actos de fê dos Escolasticos , taõ differentes entre si , como se está vendo em tantos livrinhos , e ainda mesmo nos Cathecismos de varias Igrejas ; actos , digo , compostos por authores particulares , sem approvaçãõ alguma da Igreja , ou ao muito fõ approvados pelo Bispo de cada Diocese particular ; estes actos , torno a dizer , estaõ muito longe de parelharem na authoridade com a do Symbolo Constantinopolitano , nem ainda encerraõ o que se contem no Symbolo Apostolico ; e por todas estas consideraçoens havia muito menor necessidade , ou nenhuma , para os substituir , ainda mesmo nas oraçoens particulares , ao Symbolo Apostolico.

Da Oraçãõ Dominical.

POrem que diremos da Sacratissima Oraçãõ Dominical ? Que elogios poderemos excogitar , que possaõ parelhar com o valor desta formula divina da esperança e da charidade ? Naõ he deste lugar o fazer aqui mençaõ dos elogios , que lhe fazem os Padres. Basta reflectir que he huma Oraçãõ ditada pelo mesmo Deos ; e naõ , á maneira das outras da Escritura , por meio dos Profetas , mas por meio de seu Filho mesmo ; e de mais a mais ditada ás instancias da Igreja representada pelos Apostolos , que lhe disseraõ: *Senhor , ensina-nos a orar*: a Igreja comprehende quanta he a preciosidade e o valor deste thesouro , com que se acha enriquecida :

por-

porisso he muito cuidadosa em instruir nesta oração desde logo aquelles, que ella gera em Christo, e quer que os cathecumenos usem della, ainda mesmo antes de serem admittidos ao sagrado baptismo: este he o leite, com que ella nutre quotidianamente os seus pupillos, e este he o pão, que dá aos seus filhos, para que vivaõ: desta Oração he que a mesma Igreja forma a porção mais santa das suas oraçoens, com que celebra os officios divinos, fazendo-a dizer em vós alta ao Sacerdote, para que o povo se familiarize com ella, e lhe seja usual, e lhe sirva de preparação a mais excellente para o Sacrificio, e para a participação dos dons sagrados, como adverte S. Agostinho no Sermaõ 18. n. 5, e no Sermaõ 58. n. 12.

§. III.

*Parallelo entre as Formulas da Igreja
e as modernas.*

ESTE he o modo, com que a Igreja até agora tem feito exercitar aos seus filhos os Actos das virtudes Theologaes. Ella reconhece os seus proprios sentimentos nas palavras de S. Agostinho, acima já citadas: *Tens o Symbols, e a Oração Dominical. Nestas duas cousas vê encerradas aquellas tres. A fê crê, a esperança e a charidade oraõ. Porem huma e outra não podem estar sem a fê, e porisso tambem ora.* Porem porque ha tempos para cá temos acostumado o nosso espirito ás ideas escolasticas muito differentes, porisso custa-nos a entrar nas ideas de nossos Santos maiores, e da Igreja: parece-nos
naõ

naõ achar naquellas veneraveis formulas a pretendida precisão e exactidão, que encontramos com gosto nas formulas escolasticas. Por tanto he jullo, que nos demoremos ainda por hum pouco nesta materia, para fazermos o parallelo entre humas e outras, e virmos a conhecer, quanto mais pudermos, as vantagens, que as antigas formulas tem sobre as modernas.

Pelo que toca ao Symbolo, he verdade que nelle naõ achamos mais que simplesmente hum *Creio*, e que nelle falta o *firmiffimamente*, e o *porque assim o tem revelado Deos summa verdade á Igreja, e a Igreja a nós*.

He igualmente verdade que as formulas modernas nos põem tudo isto muito bem expresso. Porem se he necessario naõ só crer, mas crer firmemente, e crer pelo motivo da infallibilidade divina, será por ventura tambem necessario o protestar expressamente, que se crê com aquella firmeza, e por aquelle motivo? Naõ bastará faze-lo, assim como basta, quando se faz huma obra boa, o faze-la pelo motivo do amor de Deos, sem ser necessario o protestar, que se faz por aquelle motivo? A Igreja naõ entra nestas precisoens, nem nestas miudezas; esse naõ he o seu espirito. Antes pelo contrario, illuminada por Deos a conhecer o coração humano, cuida antes em imprimir no coração do homem com força as verdades da fé, em transportar o mesmo coração humano, por huma elevação viva, determinada e affectuosa, a assentir sem indagação nem examinação as verdades reveladas, do que em embarçar o mesmo coração, de sua natureza fervido e pronto, com as reflexoens do *coma*, e do *parque*.
Hum

Hum *Credo* nũ e simples tem huma certa singu-
leza natural e propria, que com ella explica tu-
do: o accrescentar-lhe alguma cousa, he como
quem ajunta agoa a hum copo de vinho gene-
roso; a quantidade aumenta; porem a força
diminue. Eisaqui como com força se explica
Martha no Evangelho. *Crês isto?* lhe pergunta
o Senhor, e ella prontamente responde: *Sim,*
Senhor, eu cri que tu hes o Christo filho de Deos
vivo. Assim tambem responde o magoado Pai
do Evangelho: *Creio, Senhor: ajuda a minha*
incredulidade. Do mesmo modo David no Sal-
mo: *Eu cri: e por essa razão fallei.*

Antes a maior parte das vezes, quando a
fé he affaz viva, se eleva de repente ás verda-
des, que crê, sem nem ainda se lembrar o pro-
testar que crê. Por este modo he que se achão
trabalhadas quasi todas as maravilhosas formu-
las da fé, que Deos nos tem dado nos Salmos
e nos Canticos, e que a Igreja continuamente
põe na boca dos fieis. Sem fallar agora das
expressoens particulares, que se achão espalha-
das pelos Salmos, podem-se ver aquelles Sal-
mos inteiros, dos quais cada hum he hum cõ-
mento de algum dos artigos do Symbolo. Por
exemplo o Salmo outavo (a), que principia:
Senhor, Senhor nosso, quaõ admiravel he o vosse
nome em toda a terra! he hum cõmento bellissi-
mo do primeiro artigo do Symbolo. E comtudo
alli se naõ encontra a expressaõ *eu creio.* Porem
com que viveza e magestade nos representa a fé
alli, a omnipotencia de Deos na creaçã do uni-
verso em geral, e na do homem em particular.

Naõ

(a) *Domine Dominus noster, quam admirabile est nomen tuum*
in universa terra! &c.

Não se encontra igualmente o *eu creio* no Salmo 109 (a), que principia *Dixit Dominus* ao meu Senhor, do qual usa a Igreja frequentemente, até o pôr no principio de quasi todas as Vesperas. Porem quaõ maravilhosamente se exercita nelle a fé a respeito da geraçaõ divina do Verbo, do sacerdocio eterno de JESUS Christo, do seu Reino, do seu Poder judicario, da sua humilhaçaõ, e da sua exaltaçaõ á direita do Padre, isto he, a respeito de quasi todos os artigos do Symbolo, que respeitaõ o Salvador? O artigo da Igreja, da santa Cidade de Deos, acha-se explicado com huma inefavel energia no Salmo 47, que principia (b): *Grande he o Senhor, e summamente louvavel Sc.* E naõ obstante naõ se achar alli o *creio*, a fé todavia exprime com jubilo a divina fundaçã daquella Cidade santa, a sua dilataçaõ por todo o mundo, a eterna protecçaõ de Deos sobre ella, os inuteis esforços dos Imperadores para a atterrarem, e pelo contrario o desconcerto e ruina estrondosa do Imperio perseguidor.

E assim naõ he tambem necessario que se exprima; que se erê, porque tudo aquillo foi revelado por Deos á Igreja. Pois quem reza o Symbolo bem sabe que naõ pronuncia nem ainda hum apice, que lhe naõ seja ditado pela Igreja instruida por Deos; sabe que a Igreja he quem lhe subministrou este alimento, quando ainda o tinha no ventre, para o gerar para Deos no baptismo; que todos os dias a mesma Igreja lhe está infundindo este leite nas sagradas oraçoens publicas: que a Igreja diz aquillo
mes-

(a) *Dixit Dominus Domino meo Sc.* (b) *Magnus Dominus, et laudabilis nimis Sc.*

mesmo com elle , e que desde os Apostolos até nós sempre o tem dito , e o diz. E deste modo diz por obra , o que reza o Symbolo , aquillo , que os modernos querem que antes se diga com palavras , do que com o facto.

Passemos á Oração Dominical. Se requeremos para huma formula de esperança e de amor , que ella tenha a materialidade das palavras *eu espero* , *eu amo* , e as formalidades dos objectos , e dos motivos da esperança e do amor , está claro que tudo isto falta na Oração Dominical. Alem disso esta formula he composta por modo de deprecação , e não com a simples expressão de esperança e amor : o que , segundo os Escolasticos , he muito apartado da natureza destes actos , que elles querem , segundo dizem , que sejam feitos por modo *indicativo* e não *deprecativo*. Porem isto , que a nós nos parece ser hum defeito , he , na intenção do seu divino author , de hum preço e valor tamanho , que só por isto a Oração Dominical se eleva tanto sobre todas as mais formulas , ajustadas com o compasso escolastico ;

Quanto costumão sempre levantar-se

Ciprestes , entre as giestas dobradiças (a).

Nós queremos que tudo se encerre em dizer: *eu espero* , *eu amo* , *assim e assim* , *por isto e por aquillo*. Porem Nosso Senhor quer que o amor , ainda quando se exprime com palavras , não seja de meras palavras , mas de obras e em verdade. Quer que o amor produza desejos inflamados de ver glorificado o seu nome , dilatado o seu reino , executada a sua vontade. Eis aqui qual

(a) Virg. Egl. 1. *Quantum lenta sulent inar viburna expressi.*

qual he a verdadeira lingoagem do amor verdadeiro: e esta verdadeira lingoagem do amor verdadeiro he a que nos põe na boca esta divina formula. Porem porque estes desejos devem ser sinceros e efficazes, porisso Nosso Senhor não quiz que elles se exprimissem dizendo tam sómente: *desejo, que seja santificado o teu nome, que venha o teu reino, que seja feita a tua vontade*; mas quiz-nos ensinar a pôr em pratica estes desejos, e a pedirmos a Deos mesmo, que elle satisfaça e cumpra estes nosos desejos, e porisso ensinou-nos a dizer: *faze com que a tua vontade seja feita*. E assim aqui a charidade começa a tomar o seu verdadeiro aspecto: ama verdadeiramente, tem desejos santos, e estes seus desejos são verdadeiros, sinceros, efficazes e praticos. A charidade porem he illuminada, e por isso he humilde. Quanto mais ama, tanto mais conhece o abyssmo da miseria humana, o fundo de frieza, ingratitude, instabilidade, e repugnancia, que ao bem tem o coração humano: porisso não se arroja a dizer a Deos: *amo-vos muito*: teme ser reprehendida por Deos, que penetra o intimo do coração, e talvez alli achará hum amor muito fraco: conhece que todos os seus esforços naturaes são inuteis, para amar a Deos como se deve, e para poder dizer a Deos com verdade, que o ama como deve; e por essa razão se volta para Deos, a summa charidade por essencia, e lle pede, que glorifique o seu nome nelle pobre creatura, dando-lhe hum amor tão grande, que todo o mundo o veja, e glorifique porisso a Deos; pede-lhe que a elle venha o Reino de Deos por hum completo triumpho do amor celestial,

lestial, e huma perfeita sujeição da concupiscencia: pede que a divina vontade seja nelle executada com aquella plenitude e perfeição, com que se cumpre no Ceo pelos Anjos, e pelos Bemaventurados.

Deste modo he que a charidade acaba de falar no seu verdadeiro tom: deste modo he que ella canta o Cantico novo: deste modo he que o espirito do Filho de Deos clama lá do coração, dizendo: *Padre Nosso*.

Padre, que he huma palavra toda propria do amor, e o he tambem da *esperança* christãa, da qual he inseparavel o amor. Com este Nome, diz S. Agostinho (a), *se excita em nós não só a charidade; pois que cousa ha, que deva ser mais querida dos filhos, do que seu Pai? . . . mas tambem desde logo se excita a confiança de alcançarmos, o que vamos a pedir, pois antes de pedirmos cousa alguma, havemos de antemão recebido hum tão grande dom, qual he, o de permittir-se-nos dizer a Deos, Padre Nosso*. Com o nome de Pai he animada a *esperança*, a qual muito mais se excita quando diz: *que estás nos Ceos*; pois nestas palavras se nos representa a sua potencia, segundo se diz no Salmo (b): *A tua magnificencia se acha elevada sobre os Ceos*; e tambem se nos propõe a sua bondade, segundo diz o outro Salmo (c): *Quem ha que seja como o Senhor Nosso Deos, que*

N habita

(a) De serm. in Mont. L. 2. n. 16. *Quo nomine, & caritatis excitatur; quid enim carius filiis debet esse, quam pater? . . . & quedam impetrandi praesumptio, quae petitori sumus, cum priusquam aliquid peteremus, tam magnum donum accepimus, ut inamur dicere, Pater noster, Deo.*

(b) *Elevata est magnificencia tua super caelos.*

(c) *Sicut Dominus Deus noster, qui in altis habitat, & humilia*

habita la no alto, e que se abaixa para vêr o que se passa no ceo e na terra; que tira os mais viz do pó: que levanta do esterco o pobre, para o fazer assentar com os Princeses, com os Princeses do seu povo. Porisso quando diz: Padre Nosso, que estâs nos Ceos; a esperança acha hum Pai cheio de charidade paterna, hum Pai poderoso, hum Pai por sua natureza piedoso. E que he o que se não espera alcançar de hum tal Pai? As formulas dos Escolasticos não nos propõem outro objecto mais que a vida eterna, e ao muito tambem os meios de a alcançarmos. Porem esta formula divina propõe-nos objectos ainda mais amplos. Não ha cousa, que possamos alcançar de Deos, que se não ache nesta sagrada formula. A vida eterna he alli particularmente proposta com o nome do Reino de Deos: e os meios para a alcançarmos se exprimem com especialidade nas palavras de pão quotidiano, no perdão dos peccados, e no livramento das tentações. Porem alem disto que cousas não pode esperar o Christão, tanto pelo que respeita á vida temporal, como á vida espiritual, e particularmente pelo que toca ao aumento e perfeição da justiça christãa? Pois tudo isso se acha expressamente pedido nesta formula divina, a qual porisso he chamada por S. Agostinho a forma de todos os desejos (forma desideriorum), e por essa razão encerra todos os movimentos da esperança christãa.

Alem disso estes desejos nesta formula não são estereis, mas efficazes. A esperança alli não he

humilia respicit in caelo & in terra: suscitans a terra inopem, & de stercore erigens pauperem, ut collocet eum cum principibus, cum principibus populi sui.

he ociosa : porquanto alli deseja-se , e recorre-se aos meios , pelos quais se devem cumprir aquelles desejos : porisso ora a Deos , e lhe pede o cumprimento do que ora , sem o que está claro , que ficariaõ inuteis aquelles desejos ; de outro modo , de que aproveitaria o esperar ? Porém que modo de pedir taõ digno da esperança christãa ! com que simplicidade ! com que fingeza cordial , e sem rodeio algum de palavras , lingoagem verdadeira da confiança filial !

A' vista disto está claro , que esta formula he hum exercicio perfeittissimo da esperança , e nella se encerraõ os motivos mais fortes , e todos os objectos e meios os mais poderosos , os modos os mais proprios , e as expressoens as mais ternas.

§. IV.

Utilidade das Formulas modernas.

NAÕ he minha intençãõ , e Deos tal naõ permita , o menoscabar , com o que tenho dito , as formulas modernas deste piissimo exercicio. Ellas tambem se devem olhar como muito uteis , como ja acima se advertio , sendo bem compostas : e porisso reservei para este lugar o mostrar a sua utilidade.

1.º Primeiramente he sempre util o compor , e propor varias e novas formas de affectos santos , de que podem usar as almas , para se elevarem a Deos.

Isto mostra Deos mesmo em tantas , e taõ maravilhosamente diversificadas formas de affectos santos , que elle ditou , naõ só em cento e cincoenta Salmos , e em tantos Canticos das di-

vinas Escrituras ; mas tambem em outros muitos lugares dos Livros divinos , e com especialidade nos dos Profetas.

Isto tambem mostra a Igreja em muitas outras formulas , que ella accrescentou ás da Escritura. Isto mesmo igualmente mostraõ os Santos , e outros Servos de Deos , os quais nos seus Livros nos subministraõ tantas e tantas formulas , como se vê , entre outros , em S. Agostinho nas suas Confissoens. A mesma razão finalmente mostra a utilidade desta pratica : por quanto os differentes gostos dos homens , os varios estados das almas , a infaciabilidade humana , que se enfastia de tudo o que he usual e trivial , a irreflexão humana , que precisa ser excitada pela novidade , tornaõ sempre util , e de algum modo necessaria a multiplicidade e variedade de formulas , que hajaõ de alimentar a piedade : e por isso prover com esta ajuda e socorro o povo fiel , he cousa bem digna do cuidado daquelles , que presidem ao rebanho do Senhor : e he segundo a intenção de Deos e da Igreja o proporem se semelhantes formulas nos ajuntamentos do Povo , para que lhe sirvaõ de instrução.

2.º As novas formulas , que Benedicto XIV deseja que sejaõ breves , saõ huma especie de jaculatorias , cujo uso todos sabem quão conveniente seja em muitas occasioens , para excitar a lembrança de Deos , excitar movimentos santos dirigidos a elle , para rebater as tentações , e principalmente para a luta da hora da morte.

3.º As novas formulas compostas com as formalidades , que requerem os Eclesiasticos ,

tem

tem outra utilidade propria dellas ; e he , o serem instructivas, e levarem consigo mesmo por via de facto hum breve , claro, e pratico compendio das instruçoens , que se costumaõ fazer aos povos acerca dos objectos , motivos , e modos das virtudes Theologaes. E isto só he muito bastante para fazer summamente louvavel o zelo daquelles Santos Prelados , que recõmendão o uso frequente daquellas formulas.

§. V.

Advertencias para bem se comporem as formulas modernas. E em primeiro lugar da Formula da fé.

BENEDICTO XIV com muita razaõ recõmenda , que as formulas sejaõ bem compostas. Pelo que será muito justo , que nos demoremos neste ponto por hum pouco , para fazermos sobre elle algumas reflexoens.

Quanto animo , sempre salvo o melhor juizo , sinto , pelo que toca a formula da fé , huma violenta inclinaçaõ a naõ querer outra mais , que a do Symbolo Apostolico : e ao muito quereria que se lhe fizesse hum pequeno acrescemento no fim , para se exprimir o motivo e firmeza da fé com força e com affecto , dizendo , por exemplo : *assim Deos o disse , assim o ensina a Igreja , e assim o creio e creerei eternamente.* Posto que , como ja advertimos , nem disto ha precisaõ alguma : pois o *Amen* , que se ajunta no fim do Symbolo , encerra com energia toda aquella clausula. E quando todavia se tratasse de se querer introduzir outra formula , parecer-

cerme-hia obrar-se segundo o espirito e inten-
 ção da Igreja, se se traduzisse em lingua vulgar
 o Symbolo Niceno-Constantinopolitano, e se
 fizelle aprender ao povo, ou ao menos ás pes-
 soas, que são mais capazes de o aprenderem.
 Comeffeito a Igreja faz rezar em alta voz este
 Symbolo, tanto nas Missas das Domingas, co-
 mo em todas as festas de maior concurso, e não
 para outro fim, senão para que o povo o aprenda.
 Eis aqui as razoes que me movem a isto.

1.º O Symbolo Apostolico, como ja adver-
 timos, he huma formula de fé não só sufficiente,
 mas ainda muito mais excellente, que qual-
 quer outra; e pelo que respeita a sua auctorida-
 de, he sem igual: e assim que necessidade ha
 de se lhe substituir outra, que lhe seja inferior?

2.º Não se pode compor huma formula da
 fé, da maneira que se deve, sem se encerrar
 nella tudo o que contem o Symbolo, quando se
 trate de fazer huma formula, que haja de sa-
 tisfazer ao preceito: porquanto he cousa clara
 que todos os fieis, que disso são capazes, estão
 obrigados por preceito a saberem o Symbolo,
 a entenderem-no, e a crerem-no: e porisso
 estão obrigados a saberem-no expressamente, e a
 crerem expressamente as verdades conteudas no
 Symbolo: O qual, diz S. Leão Magno (a), *quiz*
Nosso Senhor, que ninguem de hum e outro sexo
houvesse na Igreja, que o ignorasse. E S. Tho-
 maz diz (b): *Quanto ás primeiras cousas, que se*
devem crer, que são os artigos da fé, todo o ho-
mem

(a) Ep. 27. ad Pulch. Aug. c. 4. *Quod Dominus noster in*
Ecclesia neminem sexus utriusque voluit ignorare.

(b) 2. 2. q. 11. art. 5. *Quantum ad prima credibilia, quæ sunt*
articuli fidei, tenetur homo explicite credere.

mem tem obrigação de os crer expressamente. E esta he a razão, porque a Igreja quer que os fieis rezem o Symbolo todos os dias, para senão esquecerem das verdades conteudas nelle, as quais devem sempre saber, e sempre crer. Para vos não esquecerdes, dizia S. Agostinho aos Competentes (a), *dizei-o todos os dias; quando vos levantardes, quando fordes dormir rezai o vosso Symbolo, rezai-o ao Senhor, encõmendai-vos a elle, não vos envergonheis de o repetir. Porque a repetição he boa, para que não venha a esquecer. Não digaes: disse-o hontem, disse-o ja hoje, digo-o todos os dias, sei-o bem. Lembra-te da tua fê, olha para ti: o teu Symbolo faça-te as vezes de espeelho: Vê-te nelle, se crês tudo o que confessas crer, e alegra-te todos os dias com a tua fê.*

Ora as verdades, que o Symbolo encerra, não se podem expor com mais brevidade e clareza, do que com as mesmas palavras do Symbolo, como he manifesto, e porisso S. Agostinho (b) lhe chama *Regra da fê breve e grande; breve no numero das palavras, e grande pelo pezo das sentenças.* E em outra parte diz o mesmo Santo (c), *que he huma Regra da fê bem compendiada, para instruir o entendimento sem carregar a memoria.* Pelo

(a) Serm. 58. n. ult. *Ut non obliviscamini, quotidie dicite, quando surgitis, quando vos ad somnum collocatis, reddite Symbolum vestrum, reddite Domino, commemorare vos ipsi, non pigeat repetere. Bona est enim repetitio, ne subrepat oblivio. Ne dicatis; dixi heri, dixi hodie, quotidie dico, teneo illud bene. Cõmemora fidem tuam, inspice te: sit tanquam speculum tibi Symbolum tuum. Ibi te vide, si credis omnia, quæ te credere confiteris, & gaude quotidie in fide tua.*

(b) Serm. 69. n. 1. *Regula fidei brevis & grandis: brevis numero verborum, grandis pondere sententiarum.*

(c) Serm. 215. n. 1. *Breviter complexa Regula fidei, ut mentem instruat, nec oneret memoriam.*

Pelo que parece, que se não pode compor outra formula de fé, que seja melhor que o Symbolo.

3.º A Igreja praticou sempre, não só o pro-
por sempre á crença dos fieis com as suas for-
mulas todas as verdades do Symbolo, mas de
mais a mais nunca quiz, que os fieis fizellem
profição daquellas verdades com outras pala-
vras, que não fossem as mesmiffimas do Sym-
bolo Apostolico, ou ao menos que fossem as de
algum outro Symbolo, não composto por autho-
res particulares, mas sim composto por autho-
ridade publica. Nada houve que na Igreja fosse
olhado por mais perigoso, do que conhar aos
particulares hum deposito tão precioso, como
era o da fé, quando se tratava de estabelecer
hum formula, que se houvesse de ensinar aos
fieis. Porisso os Padres advertiaõ os fieis, não
só para que rezassem o Symbolo, mas que o re-
zassem com as mesmas palavras, sem lhe mu-
darem nem hum apice. Eis aqui o que diz S.
Agostinho (a): „ Estas cousas, que em breves
„ palavras ouvistes *não são as deveis crer, mas as*
„ *deveis decorar pelas mesmas palavras, e do*
„ *mesmo modo dize-las.* „ Eis aqui como falla
tambem S. Cyrillo Jerosolymitano (b): „ Abra-
„ çai e guardai tamfomente aquella fé, ou seja
„ apren-

(a) Serm. 214. n. 2. *Ista, quæ breviter audistis, non solum credere, sed etiam totidem verbis memoriæ commendare, & ore proferre debetis.*

(b) Catech. 5. n. 12. *Fidem vero (hoc est Symbolum) in ad discendo atque profitendo illam solum amplectere & serva, quæ nunc tibi ab Ecclesia traditur . . . paucis versiculis univrsam fidei dogma comprehendimus. Quod quidem ipsis verbis (Εἰς αὐτῆς τῆς ἁγίας) vos meminisse volo, et apud vos ipsos eum omni studio, recitare; non chartis mandantes, sed in corde insculptentes memoriæ.*

„ aprendendo-a ou confessando-a, que a Igre-
 „ ja agora vos ensina . . . em poucos versiculos
 „ encerramos o dogma da fé (isto he , o Sym-
 „ bolo) . O qual quero que recordeis *pelas mes-
 „ mas palavras*, e que rezeis com todo o cui-
 „ dado lá no voffo particular ; não o escreven-
 „ do, mas fim insculpindo-o no coração de me-
 „ moria . . . Igualmente Tertulliano assim diz
 (a): *A regra da fé he absolutamente huma só , e só
 immudavel , e irreformavel.*

Este affêro ás mesmas palavras do Symbolo
 he tanto mais para notar , e mostra quanto era
 o disvello da Igreja neste particular, quanto isto,
 segundo a disciplina da quelle tempo , era mais
 difficuloso : porquanto todos sabem que , (como
 se vê pela passagem de S. Cyrillo acima allegada,
 e pela de S. Agostinho , como tambem de S. Je-
 ronymo e de S. Pedro Chryfologo) era entãõ pro-
 hibido o escrever o Symbolo , e que se devia tam-
 somente imprimir na memoria. Isto não obstan-
 te , este affêro religiosissimo , que a Igreja ti-
 nha para as palavras do Symbolo , o fez passar
 até nós sem alteraçãõ de hum so apice, pelo de-
 curso de tantos seculos , e pelo meio de tantas
 revoluçoens , segundo a forma estabelecida em
 cada Igreja. He de crer que o Apostolo recõ-
 mendasse esta circunspecta attençãõ a Timotheo,
 quando lhe dizia (b): *Segue o modello das santas
 palavras , que ouviste da minha boca , pertencen-
 tes á fé , e á charidade , que he em Jesus Christo.
 Guarda pelo Espirito Santo , que môra em nós , o
 excel-*

(a) De vel. virg. *Regula fidei una omnino est, sola immobilis, et irreformabilis.*

(b) 2. Ad Tim. c. i. v. 13. 14. *Formam habe sanctorum verborum, que a me audisti in fide et dilectione in Christo Jesu. Bonum depositum custodi per Spiritum Sanctum, qui habitat in vobis.*

excellente deposito, que te foi confiado. E porisso huma practica, que sem duvida nos vem do tempo dos Apostolos, deve ser zelosamente conservada.

4.º Igualmente o exemplo dos Santos, que na hora da sua morte quizerão confessar a sua fé, rezando o Symbolo, e selando com elle a sua vida christãa, como fez entre outros S. Pedro Martir; mostra que o Symbolo he huma formula, que se pode santamente empregar para protestar a propria fé na hora da morte.

Comtudo, porquanto por huma parte nem sempre he necessario fazer huma profissão distincta de todos os artigos da fé, e por outra parte pode ser em mil occasioens util o ter huma formula breve á mão; porisso fica livre á zelosa piedade dos Pastores o subministrarem aos fieis alguma formula desta casta, que por elles seja composta, para poder servir áquelle uso. E como isto he arbitrario, he igualmente livre o comporem-na como parecer conveniente á sua prudencia; comtanto porem que se diga aos fieis que usem do Symbolo, quando quizerem fazer huma profissão formal da fé. Disto nos dá hum exemplo a Igreja, a qual depois de haver feito rezar o Symbolo inteiro aos Cathecumenos, quando os introduz na Igreja, faz-lhe fazer huma profissão de fé mais breve antes de os baptizar: he este uso antiquissimo, como se vê em S. Cyrillo Jerosolymitano no fim da Catechese quinta, aonde traz este Symbolo breve, que aquella Igreja fazia rezar aos Cathecumenos depois das suas Abrenuncias, e he o seguinte:
Creio no Pai, e no Filho, e no Espirito Santo, e em hum baptismo da penitencia (a). §. VI.

(a) *Credo in Patrem, et in Filium, et in Spiritum Sanctum, et in unum baptisma poenitentiae.*

§. VI.

Advertencias acerca das Formulas da Esperança.

PELO QUE toca ás formulas da Esperança e da Charidade, assim como ha mais liberdade de formar outras, alem da Oração Dominical, (pois por causa da sublimidade daquella divina formula, parece que os simples poderão receber algum focorro daquellas formulas, que mais particular e especificamente exprimem a natureza destas duas virtudes) assim tambem he precisa maior advertencia para as compor bem, ou para discernir aquellas, que ja se achão compostas. Não se pode duvidar, diz Benedicto XIV, que sejaõ bem compostas aquellas formulas, que os Bispos tem mandado pôr nos seus Cathecismos. Ha porem bastante razão para duvidar que muitas das formulas, que correm em folhetos e livrinhos espirituaes, sejam como devem ser.

Pelo que tenho observado, tenho visto que as formulas da Esperança são aquellas, que mais frequentemente se encontraõ mal compostas: e, segundo o meu parecer, são tambem as que tem maior difficuldade em se comporem bem. He cousa bem manifesta, que a doutrina da Esperança se achã dependente, e inseparavel da doutrina da graça e da predestinação. Se as Escolas Catholicas fossem perfeitamente concordes nestes pontos importantantissimos, está claro que entã as formulas da Esperança appareceriaã todas formuladas pelo mesmo modo em quanto ao sentido, posto que houvesse alguma variedad^{es} nas

nas palavras. Achando-se porem aquellas Escolas tão discrepantes e contrarias entre si ; bem se vê que he de necessidade , que as formulas dos Molinistas fação hum sentido differente das que são compostas pelos Thomistas e Augustinianos , caso que tanto huns como os outros queiraõ explicar claramente os seus sentimentos. Hum Augustiniano e hum Thomista , que queiraõ explicar-se claramente , comporaõ a formula da Esperança , pouco mais ou menos , deste modo : „ Espero , ó meu Deos , ter sido „ posto , pela vossa pura bondade sem mereci- „ mento algum meu , no numero dos escolhi- „ dos , que quereis efficaçmente salvar com a „ vossa omnipotente graça pelos merecimentos „ de Jesus Christo vosso Filho : e que para isso „ heide receber de vós todos os socorros , que „ haveis promettido aos vossos escolhidos , pelos „ quais heide cumprir os vossos mandamentos , „ e seguramente heide morrer na vossa santa „ graça : isto espero , porque vós assim man- „ daes. „ Hum Molinista não pode fallar deste modo : dirá alguma coisa , que he desnecessario pôr aqui , porem será muito differente. Eis aqui pois se pode suscitarse perigosamente huma grande perturbação e escandalo entre os fieis ; se , por exemplo , hum Parocho na sua Parochia , ou hum Bispo na sua Diocese ensinasse huma formula da Esperança ; e o outro na sua vizinhança , ou o successor na mesma , desaprovasse aquella formula , e propuzesse outra. Deos Nosso Senhor se digne dar toda a prudencia necessaria aos Pastores , para medirem as palavras de huma tal formula de modo , que nunca aconteça hum tal escandalo. Pelo que respeita á Esperança ,

rança, foi com muita prudencia composta a formula, que modernamente se imprimio para o uso da Igreja de Brescia.

Naõ posso comtudo deixar de advertir, que muito frequentemente se lê em alguns livrinhos a formula da Esperança, composta deste modo, e com este sentido: „ Espero, ó meu Deos, que „ heide alcançar de vós a vida eterna pelos me- „ recimentos de Jesus Christo, e com a ajuda „ da vossa santa graça; *se comtudo* eu tambem „ da minha parte for fiel até á morte na obser- „ vancia dos vossos santos Mandamentos: e „ espero isto, *porque* vós assim o haveis promet- „ tido. „ Ha nesta formula duas cousas más, que viciaõ a justa idéa, que o povo christão deve ter desta virtude, que lhe he tão necessaria, e porisso, ao meu parecer, deve evitar-se o uso della. As duas cousas más, que alli noto são o *se*, e o *porque*: quero dizer, a *condição* expressa deste, ou de outro modo equivalente, e o *motivo*. A condição alli posta tem duas más qualidades. Porque primeiramente contem hum erro manifesto. Pois dizer *ferei salvo, se viver bem até á morte*, he huma verdade de fé, e he hum artigo revelado, o qual naõ se pode pôr em duvida sem vacillar na fé: E assim sobre ella naõ pode cabir o *Espero*, que he o mesmo que dizer, *naõ estou inteiramente certo*: mas deve-se dizer, *creio infallivelmente que ferei salvo*, pois tendes dito, Senhor, *que aquelle que perseverar até o fim, esse será salvo* (a). Portanto o Acto de Esperança de que fallamos, naõ he hum acto de verdadeira esperança, mas sim huma verdadeira duvida

acerca

(a) Matt. c. 24. v. 13. *Qui autem perseveraverit usque ad finem, hic salvus erit.*

acerca do que he de fé. Em segundo lugar, o pôr por condiçãõ as boas obras, e a perseverança final, he naõ fazer estas cousas igualmente objecto da esperanza, e isto he outro erro. Pois devemos esperar de Deos naõ só a vida eterna, mas tambem as obras boas, e a perseverança nellas: isto he, devemos esperar de Deos naõ só o fim, mas tambem os meios. E porque a oraçãõ he a lingoagem da Esperança, porisso a Igreja ensina aos seus filhos a pedir naõ só a vida eterna que nos está promettida, mas tambem a pedir a Deos o cumprimento dos seus preceitos: Eis aqui como ella pede na oraçãõ da Dominga 13 depois do Pentecostes (a): *Para que sejamos dignos de alcançarmos aquillo, que nos prometteste, faze-nos amar aquillo, que nos mandaste.* E na Dominga da Septuagesima na oraçãõ depois da Comunhaõ, diz assim (b): *Sejaõ os teus fieis fortalecidos pelos teus dons, para que recebendo-os os procurem, e procurando-os os recebaõ para sempre.* E na oraçãõ depois da Cõmunhaõ, na Missa da sexta feira depois da segunda Dominga da Quaresma, pede assim (c): *Fazei, nõs vo-lo pedimos, Senhor, que depois de havermos recebido o pinhor da salvaçãõ eterna, caminhemos para ella taõ congruentemente, que em fim a ella possamos chegar.*

Do mesmo modo o motivo, que na sobre dita formula se propõe, tomado juntamente com a condiçãõ ja exposta, encerra huma manifesta

(a) *Ut mereamur assequi quod promittis, fac nos amare quod præcipis.*

(b) *Fideles tui per tua dona firmentur, ut eadem & percipiendo requirant, et requirendo sine fine percipiant.*

(c) *Fac nos, quæsumus Domine, accepto pignore salutis æternæ, sic tendere congruenter, ut ad eam pervenire possimus.*

nifesta injuria contra Deos. Porquanto cisaqui o sentido que faz aquella formula: *Tendes promettido a vida eterna a quem guardar fielmente até á morte os vossos mandamentos; e porisso, se eu tambem vos for deste modo fiel, espero alcança-la.* Quem pode soffrer que se falle assim de Deos? Posta por nós a condiçãõ, pode porventura faltar a divina promessa? He porventura Deos mentiroso, para se pôr em duvida, com hum *Espero*, a sua promessa? Pode elle faltar á sua palavra? Não certamente: *Porque Deos he verdadeiro: e todo homem mentiroso.* E o Senhor disse: *Passaraõ o ceo e a terra, porem as minhas palavras não passaraõ.* Ou acaso quer Deos cumprir as suas promessas, mas não está certo se o poderá? Nem tambem isto se pode dizer: *Porque he poderoso para fazer aquillo, que prometteo.*

Veja-se o Appendix ao Tratado da Confiança Christãa, impresso em Veneza em 1751. Alli se mostraõ alguns defeitos em dois differentes actos de Esperança, não obstante terem sido formulados por homens capazes. O que servirá de prova da circunspecção, que deve haver em adoptar formulas desta virtude; pois a idea della se acha muito obscurecida em muitos, por causa das disputas sobre a graça e predestinação; e o resão das mesmas disputas tambem se acha espalhado em huma infinidade de livros asceticos, e derramado largamente pelo povo; o qual por essa razão precisa de ser bem illuminado e instruido, como deve ser, e tirado de qualquer erro, em que possa estar, em huma materia tão importante.

§. VII.

Advertencias para o Acto de Charidade.

O DOUTO Author do Appendix acima citado nos subministra huma advertencia, digna tambem de ser ponderada, acerca das formulas da charidade. He verdade que estas são mais facéis de compor, pois as Escolas presentemente concordão em se dever amar a Deos, e dever-se amar com todo o coração, como Bondade Summa; e assim parece não poder haver discrepancia alguma a respeito de semelhantes formulas, em quanto ao seu sentido, seja quem for que as formule.

Porem postoque o sobredito Author esteja bem persuadido, como outrem qualquer o está, que Deos deve ser amado *com todo o coração*; comtudo não pode louvar que na formula se diga: „ Meu Deos, amo-vos *com todo o meu coração*. „ Para isto allega boas razoens nas paginas 289 e seguintes, as quais vamos a referir com algum accrescento, para por fim virmos a dar a isto huma modificação, a qual sabiamente propõe o mesmo Author.

1.º Primeiramente deve-se advertir que se não lê em toda a Escritura esta expressão: *Amo-vos com todo o coração*; não obstante ter-nos Deos, especialmente nos Salmos, ditado formulas maravilhosas da charidade. No Salmo 17 diz-se: *Amar-te-hei, ó Senhor, fortaleza minha*. Aqui podem falta a expressão *com todo o meu coração*. E ainda que a houvesse, disso não se poderia tirar consequencia alguma: porque (para não dizer por-hora outra cousa) não diz, *eu te amo*,

mas fomite *amar-te-hei*, o que he muito differente. Quem diz *eu amo*, exprime a posse do amor; porem quem diz *amarei*, exprime somente o desejo, ou o proposito, ou a esperanca. Ora assim como hum principiante na charidade pode dizer com verdade: *desejo amar-vos, ou proponho amar-vos, ou espero vir a amar-vos ainda com todo o coração*; assim tambem he difficuloso encontrar nesta vida huma alma, que possa dizer com verdade: *amo vos com effeito com todo o meu coração*; que he o mesmo que dizer: *tenho chegado á perfeição, e a tal perfeição, que me não resta passo algum para dar; porque, como diz S. Agostinho, se restar ainda alguma cousa, então não será tudo.* Tambem no Salmo 114 se diz simplesmente *Amei*, e não só se não acrescenta alli *de todo o meu coração*, mas nem ainda expressão alguma, que a esta se assemelhe: antes este Salmo está todo cheio de expressões humildes, para denotar que ainda está muito longe da plenitude da charidade; como entre outras são as seguintes (a): *Livrai a minha alma, ó meu Deus. O Senhor he misericordioso, he justo: o nosso Deus he cheio de huma terna compaixão.*

He verdade que se encontra a expressão *com todo o meu coração* em alguns Salmos, como no Salmo 85, 110, e 137, junta á palavra *Louvar-te-hei, Senhor* (b). Ora dizer: *Louvar-vos-hei,*

(a) *O Domine libera animam meam: misericors Dominus, et justus, et Deus noster miseretur.*

(b) *Ps. 85. v. 11. Confitebor tibi Domine Deus meus in toto corde meo, et glorificabo nomen tuum in æternum. Ps. 110. Confitebor tibi Domine in toto corde meo, in consilio justorum, et congregatione. Ps. 137. Confitebor tibi Domine in toto corde meo, in conspectu Angelorum psalam tibi.*

hei, *Senhor*, he o mesmo que dizer, *amar-vos-hei*; pois, segundo S. Agostinho, o amoroso he que louva verdadeiramente a Deos. A' vista disto parecer-nos-ha termos achado nos Salmos a expressãõ, *amo-vos com todo o coração*. Porém o tempo futuro *amar-vos-hei*, e não o presente *amovos*, que alli senãõ acha, desfaz todo o argumento; pois naquella expressãõ do Salmo achamos, não hum gosto de amar ja a Deos perfeitamente, mas tamfomente hum desejo, hum proposito, ou para o dizer melhor, huma esperança, que se hade verificar, não nesta vida, mas na futura. Porisso o Santo Profeta não diz tamfomente *Louvar-vos-hei*, mas diz tambem quando he, que o hade louvar deste modo tão eminente; isto he, quando se achar *no ajuntamento dos Santos, na presença dos Anjos, aonde o seu Cantico hade ser eterno*.

Alem disto, como doutamente observa o citado Author: „ Os Salmos exprimem principalmente as disposicoens da Cabeça, (que he Jesus Christo) e do corpo dos Escolhidos; „ e faõ cantados pelos fieis especialmente em nome da Igreja, e neste respeito, ás verdades as mais magnificas corresponde huma exactissima verdade. „ O Author tirou isto de S. Agostinho, o qual diz (a): *Nos Salmos apenas acharás palavras, que não sejaõ no nome de Christo e da Igreja*. Por esta regra se vem a entender a razãõ da expressãõ do Salmo 118, que he a unica que se pode oppor ao que dizemos: no versiculo decimo deste Salmo se diz: (*In toto corde meo exquisivi te*). *Busquei-te com todo o meu*
cora-

(a) In Ps. 69. *Vix est, ut in Psalmis invenias voces, nisi Christi et Ecclesie nomine.*

coração. Nestas palavras não reconhece o Santo Padre a voz de algum fiel em particular, que com verdade possa e com modestia appropriar a si huma expressão tão forte. Esta voz he a da Igreja da nova alliança: *Este he*, diz o Santo, *o povo mais moço, filho da graça, e cantor do novo cantico (a)*. ,, Pelo contrario, prosegue o nosso ,, Author, a formula de hum Acto, que se deve dizer por hum particular, e não no nome ,, de todos, deve exprimir propriamente o sentimento de cada particular, o qual attesta a ,, Deos, qual he a sua propria e particular disposição. ,,

2.º Em segundo lugar entre tantas formulas de orar, que a Igreja nos propõe, em nenhuma dellas se encontra a forte expressão de *amovos com todo o coração*. Por tudo o que tenho podido observar a este respeito, tenho sempre visto que a Igreja, esta nova Rainha de Sabá, que ouvio a sabedoria do divino Salamaõ seu Esposo, e que por elle foi ensinada a orar, dizendo *Padre Nosso que estás nos Ceos*, e a pedir antes humilde e utilmente o amor divino, do que a gloriar-se de o ter; esta nova Rainha, digo, segue constantemente a pratica de por na boca de seus filhos, em vez de grandiosas expressões de affecto, petições humildes e efficazes do santo amor, como se vê em todas as seguintes, que aqui se trazem para exemplo (b): *Senhor, in-*

O 2

fun-

(a) *Ib. Iste junior populus, gratiae filius, cantator novi cantici.*

(b) *Spiritum nobis Domine tuae dilectionis infunde: Ure igne Sancti Spiritus renas nostros, et cor nostrum, Domine: Dirige ad te tuorum corda fervorum; ut Spiritus tui fervore concepto, et in fide inveniantur stabiles, et in opere efficaces: Infunde cordibus nostris tui amoris affectum: Inserere pectoribus nostris amorem tui nomi-*

*fundi-nos o espirito do vosso amor : Senhor , abra-
zai com o fogo do Espirito Santo, as nossas entra-
nhas , e o nosso coração : Dirigi para vós o cora-
ção dos vossos servos , para que , ateado nelles o fo-
go do vosso Espirito , sejaõ estaveis na fé , e effica-
zes nas obras : Infundi nos nossos coraçõens o affe-
cto do vosso amor : Enxeri nos nossos peitos o amor
do vosso nome , e dai-nos o aumento da religião : e
porque sem vós nada pôde a fraqueza humana, dai-
nos o auxilio da vossa graça : porque sem vós cabe
o homem mortal : porque sem vós não pode perse-
verar saivo : sustenha-se a nossa fragilidade com
os remedios da vossa misericordia : a qual sô se
apoiã na esperança da graça celeste.*

3.º O nosso Author continua a reflectir, di-
zendo ,, que não sabe que tenha havido exem-
,, plo algum de Santos , que tenhaõ sido illumi-
,, nados e dirigidos pela sabedoria divina nas
,, effusõens do seu coração , e que tenhaõ pro-
,, testado a Deos , que o amavaõ , não só quan-
,, to podiaõ segundo a presente dilatação do
,, seu coração , mas tambem que o amavaõ
,, quanto deviaõ , isto he , com toda plenitude,
,, de que he capaz o coração nesta vida. ,, To-
dos sabem quanto S. Agostinho , e quaõ mara-
vilhosamente tem desafogado os affectos do seu
coração na presença de Deos , e qual he o
transporte , com que falla nas suas confissoens ;
as quais talvez saõ o modello mais excellente das
oraçoens christãas , que tem o povo de Deos ,
abai-

*nominis , & præsta in nobis religionis augmentum : Et quia sine
te nil potest mortalis infirmitas , præsta auxilium gratiæ tuæ :
Quia sine te labitur humana mortalitas : Quia sine te non potest
salva consistere : Misericordiæ tuæ remediis fragilitas nostra subsi-
stet : Quæ in sola spe gratiæ cælestis innitiatur.*

abaixo das da divina Escritura, e das da Igreja. Por esta razão cuidadosamente indaguei se nellas se acharia a expressão, de que se tracta. Eis aqui tudo o que tenho encontrado a este respeito. O' amor, diz elle em huma parte (a), que sempre ardes, e nunca te extingues, Deos meu, que és a charidade, inflama-me. Dá o que me mandas, e manda o que queres. E em outra parte (b): Da-te a mim, Deos meu, entrega-te a mim; porque eu te amo, e se te amo pouco, oxalá que te ame mais fortemente. Não posso medir, que he o que me falta de amor, para ser o que seja bastants, a fim de correr para os teus abraços a minha vida, nem se aparte, até que seja escondida lá no secreto da tua face. Bem se está vendo quanto estas expressoens sejaõ differentes destas: Meu Deos amo-vos com todo o meu coração: elle diz que ama, mas confessa que não tem chegado ao cume do amor, e que não sabe quanto lhe falta para chegar a isso: não diz que arde, mas que deseja ser inflamado: não se gloria de ter o amor devido, mas pede-o áquelle, que he o manancial da charidade: Dá o que me mandas, e manda o que queres. O que fez dizer ao celebre Bossuet, que tudo o que se pode pôr judiciosamente em huma formula de amor he isto (c): Vós, Senhor, sabeis que vos amo. Dai-me

(a) Lib. 10. n. 40. O' amor, qui semper ardes, & numquam extingueris, caritas Deus meus, accende me. Da quod jubet, & jube quod vis.

(b) Lib. 13. n. 9. Da mihi te, Deus meus, redde te mihi: te enim amo, & si parum est, amem validius. Non possum metiri, quantum desit mihi amoris ad id, quod sat est, ut currat vita mea in amplexus tuos, nec avertatur, donec abscondatur in abscondito vultus tui.

(c) Ep. 79 inter editas an. 1746. Tu scis Domine, quia amo te. Da quod jubet, jube quod vis. Voilà tout.

me o que me mandais, e mandai o que quereis. Eisaqui tudo. Eisaqui tudo, o que se pode dizer, e nada mais.

Comefeito a charidade, que S. Agostinho chama *ardentissima e luminosissima*, quanto he mais *ardente*, tanto he sempre mais *illuminada*. Porisso os Santos quanto mais se chegaõ á perfeiçaõ da charidade, tanto mais conhecem lá no seu coração o vazio, que ainda alli resta para encher: porisso sempre cresce cada vez mais nelles a fome e a sêde da justiça: porisso bem longe de se julgarem ricos e fartos, (pois entaõ seriaõ deixados vazios) não fazem outra cousa mais do que gemerem, á maneira de pobres famintos, para serem cheios dos bens divinos. Porisso posto que, movidos em alguma occasiaõ de hum santo transporte, excesso, extase do seu fervor, digaõ talvez expressoens magnificas, como fez David, que disse de si (a) *Quando eu estava em paz, e em socego, entaõ dizia a mim mesmo: Nunca mais serei abalado*; comtudo as suas ordinarias expressoens todas se dirijem a accusarem-se de amarem pouco a Deos, e de serem frios, ingratos, e insensiveis ao clamor de todas as creaturas, que os exhortaõ a ama-lo: e porisso concluem todas as suas oraçoens dizendo (b): *Senhor tirai-nos este coração de pedra, e dai-nos hum coração de carne*: porisso enfim não cessaõ de gemer como pobres diante da porta do grande Pai de familias, e pedir-lhe hum pouco de paõ, dizendo: *o Paõ nosso de*

(a) Psalm. 29. v. 7. *Ego dixi in abundantia mea: non movebor in aeternum.*

(b) Ezech. c. 11. v. 19. *Auferam cor lapideum de carne eorum, & dabo eis cor carneum.*

de cada dia nos dai hoje. Eis aqui como fallava S. Agostinho nas suas confissões (a): *Eu sou hum pobre e hum mendigo, e me acho milhor descontentando-me de mim, quando gemo no meu secreto, e busco a tua misericordia, até que se repare o meu defeito, e se vá aperfeiçoando até chegar aquella paz, que he desconhecida aos olhos do arrogante.*

4.º E se aos mesmos Santos deve ser incômoda, e contraria aos seus justos e interiores sentimentos, huma formula, em que se vem obrigados a dizerem contra a verdade, que estão conhecendo: *eu vos amo de todo o meu coração*; como quadrará huma expressão taõ forte na boca dos justos ordinarios, os quaes postoque já amem a Deos mais que todas as cousas, com tudo ainda amaõ com Deos ao mesmo tempo tantas cousas, e se achãõ cercados de tantos pi-queños apegos? E quanto menos convirá esta formula ao peccador penitente, que apenas começa a respirar da opressão, que lhe causa a concupiscencia? *Por ventura ensinamos-hemos a ser soberbos, e a ousarem attribuir a si alguma perfeição?* applicando a este proposito estas palavras de S. Agostinho (b).

He por tanto o nosso Author de parecer, que assim como a Igreja se contenta com as simples palavras: *Creio em Deos &c.*, nas quaes, segundo o sentimento dos Padres e dos Theologos, se encerraõ naõ só os actos de fé, mas

(a) Lib. 10. n. 63. *Egenus & pauper ego sum, & melior in occulto gemitu displicens mihi, & quærens misericordiam tuam, donec respiciatur defectus meus, & perficiatur usque in pacem, quam nescit arrogantis oculus.*

(b) In Psalm. 32. enarr. 2. n. 4. *Numquid hoc vobis monemus, ut superbi sitis, & vobis aliquam perfectionem audeatis arrogare?*

mas tambem os de esperanza e de charidade ,
 os quais cada hum forma em particular mais
 ou menos expreila e fervorosamente , segun-
 do os differentes dons e disposiçoens de cada
 hum : assim tambem para hum acto de espe-
 rança e de amor , que seja cômum para to-
 dos , parece ser bastante as simples palavras de
espero e amo , as quais podem servir para ex-
 primirem o mais ou o menos de charidade e
 esperanza , que se achar em cada hum daquel-
 les , que as pronunciarem , ,

Comtudo , não obstante as cousas até aqui
 ditas , o mesmo Author convem , em que se
 possa pôr na formula da charidade a expressão :
com todo o meu coração : com tanto que por hu-
 ma parte com isto não haja outra tenção mais ,
 do que propor aos fieis hum modello perfeito
 da charidade christãa , e advertilos do summo
 grão , a que devem aspirar com os seus desejos ,
 e que devem pedir a Deos nas suas oraçoens :
 e por outra parte sejaõ os mesmos fieis adver-
 tidos cuidadosamente pelos Cathechistas , de
 que não podem pronunciar aquellas palavras
 com verdade. O que em todo o caso se lhe deve
 advertir tambem a respeito dos Salmos e Can-
 ticos , pelo que toca ás suas sublimes expres-
 soens , poucas das quais podem convir ao côm-
 mum dos fieis : e isto não obstante se lhes pro-
 põem , não por serem julgados acharem-se na-
 quellas disposiçoens , que se requerem , para
 se lhes poderem applicar com verdade , mas
 tambómente , diz S. Agostinho (a) , *porque orando*

nós
 (a) Ep. 130. ad Probam n. 18. *Ideo etiam verbit rogamus
 Deum, ut illis rerum signis nos ipsos admoneamus, quantumque in
 hoc desiderio profecerimus nobis ipsis, innotescamus, et ad hoc augmen-
 tum nos ipsos acivius excitemus.*

nós a Deos com palavras, sejamos por nós mesmos advertidos por via dos sinais das cousas, (isto he, para nos instruirmos das nossas obrigaçoens), e para que nós conheçamos até que ponto nos temos adiantado neste desejo, (isto he, para nos examinarmos pelo que toca ao nosso aproveitamento) e para mais nos excitarmos a nós mesmos, a fim de o aumentarmos, (isto he, para sempre nos excitarmos cada vez mais a adiantarnos no amor divino).

Aquelle porem que quizesse ao mesmo tempo unir na formula com a *instrucção*, com o *exame*, e com a *excitação*, a *verdade* e a *humildade*, que devem sempre acompanhar os exercicios de piedade, e porisso quizesse dizer:

„ Meu Deos, confesso que vos deveria amar
 „ com todo o meu coração, porque vós muito
 „ bem o mereceis, e mo mandais com grande
 „ instancia. Amo-vos, Senhor; porem amo-vos
 „ pouco: desejo amar-vos mais, e chegar a
 „ amar-vos com todo o coração. Daigne, Se-
 „ nhor, a graça para cumprir o vosso preceito: „
 „ creio que este deveria louvar-se.

§. VIII.

Advertencias para a reza das Formulas.

BENEDICTO XIV sabiamente exhorta os Bispos, para que ponhão nos Cathecismos das suas Dioceses as formulas dos Actos das virtudes Theologaes, as quaes com razão suppõe haõ de ser bem compostas; e caso que sejaõ defeituosas, que as ordenem bem, e que essas tamõmente sejaõ as que fação aprender aos fieis; pois do que até aqui se tem dito bem se vê, que não he para todos o comporem-nas

bem : e que por essa razão não he bem que cada hum proponha as suas, ou as tire de qual-quer livrinho: e que alem disso será bom que os mesmos Bispos vigiem sobre os Missionari-
os, mandando-lhes que não proponha as suas proprias formulas, mas que tamfómente se fir-
vaõ das do Cathecismo da Diocese.

Todavia, por muito bem compostas que sejaõ as formulas, he cousa muito importante o instruir cuidadosamente os fieis no modo, com que de-
vem usar dellas, para que lhes sejaõ verdadeira-
mente proveitosas, e se evitem as illusoens, que o demonio procura introduzir em huma pratica-
taõ santa. Para o que julgo, que será muito conveniente fazer as advertencias seguintes.

1. Ainda que todos saibaõ que estas santas formulas se devem dizer do coração, e que di-
tas de outra maneira não se honra a Deos com ellas, mas antes procuramos illudilo, e a nós mesmos; comtudo he preciso advertir, que hu-
ma cousa he *procurar* dize-las do coração; e outra he o *dize-las com effeito* do coração; no que muitos se enganaõ. Quando hum se põe com applicaçaõ a dizer a sua formula, e tem procurado mover o seu coração a acompanhar aquella reza, julga de ordinario que a tem dito do coração. A razão deste ordinario engano he; porque não sendo outra cousa o coração senaõ a nossa vontade, quando sentimos que a vanta-
de manda á vontade que diga aquillo, que lhe ordena que diga, julgamos entaõ, sem mais nem mais, que a vontade he quem o disse. Po-
rém S. Agostinho desvanecio este engano muito bem. Muitas vezes, diz elle (a), acontece que

(a) Confess. l. 8. ca. 26. *Imperat animus sibi, et resistitur.*

a animo manda ao animo, e contudo se lhe resiste.
 O que acontece, porque entã a vontade não se acha plena e inteira, mas sim repartida como em duas, das quais huma se dirige a cima, e a outra tende para baixo. Entã, diz elle (a), *não he toda a vontade a que manda, e porisso não existe o que ella manda. Porque se aquella vontade fosse plena e inteira, entã não mandaria que a cousa fosse, porque ja o seria.*

Este perniciosissimo engano faz, com que huma alma, que se acha em peccado mortal, e que está verdadeiramente indisposta para sahir delle, em algumas occasioens se lisongea de haver feito hum acto de perfeito amor e de contrição, porque se esforçou a dizer com o coração: *amo-vos: arrependo-me, e me peza*: bem que, não obstantes todos aquelles esforços, o coração adormecido, insensivel, e implicado nos laços da concupiscencia, não tenha querido dizer o que profere a boca, nem se haja com effeito resolvido a antepor Deos aos bens, que injustamente retém, áquella amizade, áquella odio &c.: e esta he huma das origens de tantas confissoens falsas, e que todos os dias se fazem sem emenda alguma.

2. He preciso tambem advertir que huma cousa he dizer *do coração*, e outra *dize-lo em verdade*. He facil de reconhecer o engano, que acabamos de notar, porque se pôde muito bem sentir a frialdade e repugnancia do coração, quando se dizem as palavras de amor. Porem quando o coração as pronuncia com fervor e promptidaõ, muito principalmente se isto he

acom-

(a) *Ib. Non utique plena imperat; ideo non est, quod imperat. Nam si plena esset, nec imperaret ut esset, quia jam esset.*

acompanhado da ternura e sensibilidade ; entãõ
raras são as almas , que não julguem haverem
produzido hum actõ de amor perfeito , se a for-
mula , que pronunciaõ , encerra expressõens de
hum amor perfeito. E comtudo não seria diffi-
cultoso o conhecer tambem esta illusãõ ; por-
quanto he hum proverbio vulgar , que huma
couza he dizer , e outra o fazer. Temos hum
exemplo deste engano em S. Pedro. Elle disse ,
e do coração , a Christo na ultima cêa : *antes*
morrer , do que negar-vos. A expressãõ era de
hum amor perfeito ; pois , como o mesmo Chri-
sto disse , não ha charidade maior , do que dar a
vida pelo amigo. Isto não obstante , profério
porventura S. Pedro aquellas palavras *com ver-*
dade ? Tinha acaso aquella charidade grande e
perfeita , quando usava das palavras de huma
grande e perfeita charidade ? S. Agostinho nos se-
gura que S. Pedro tinha huma charidade *ainda*
pequena , e invalida (a). E o effeito o mostrou.
Porque elle não só não tinha aquella grande
charidade , que vence a morte ; mas a tinha tão
pequena , que foi vencida pelo sono : e mereceo
de Christo , em desabono da sua expressãõ cor-
dial , porem presumida , a reprehensãõ humi-
lhante , porem saudavel , quando lhe disse : *Sí-*
maõ , dormes ? Não pudeste vigiar huma hora ?

Este engano he frequente nas almas espiri-
tuaes, muito principalmente nos seus principios,
nos quais , como meninas , Deos as costuma
alimentar com o leite de huma devoçãõ sensi-
vel. Deste engano he, que provem o pouco pro-
gresso que ha nellas , e ainda a frieza total , e
depois as quêdas graves , como aconteceu a

(a) De Liber. arb. c. 17. *Adhuc parvam et invalidam,*

S. Pedro ; porque aquelle engano lhes introduz a soberba , a presumpção das forças próprias , a frieza na oração , e no caminho da virtude.

3. A terceira advertencia he , que o merecimento e valor destes actos não se deve medir pela sublimidade das palavras e das expressões , mas sim pelos grãos maiores ou menores do fervor e interna disposição , com que se pronuncia. He pouco custoso o formar cada hum por si , ou achar nos livros de devoção formulas de amor tão perfeito , o qual só seria proprio dos Serafins , e pronuncia-las com applicação do coração. He igualmente facil , a quem tem algum principio de charidade , o pronunciar aquellas tão elevadas formulas com promptidão , ternura , e com hum transporte devoto. *Soffrirei mil mortes , e mil martirios , Senhor , antes do que offender-vos com advertencia , nem ainda com hum peccado venial :* Eis aqui temos huma expressão bem vehemente. Se ouvessemos de medir o merecimento deste acto pela grandeza da expressão , então quem a pronunciasse do coração teria desde logo o merecimento , não só de hum martirio , mas de mil martirios. E então teriamos hum caminho muito breve e facil , para merecer-mos muito com quasi nada. E como estas jaculatorias devotas se podem repetir quantas vezes se quizer cada dia , eis aqui teriamos na nossa mão hum estupendo segredo da Alchimia espiritual , para em poucos momentos , fazer-mos ouro sem trabalho , e sem despeza. Estas mortes , e estes martirios , que não só se olhaõ ao longe , mas que são inverosímeis , fazem muito menor impressãõ nos nossos sentidos , do que o deixar de comer hum bocado

gostoso, ou deixar de ver huma cousa aprazivel. A concupiscencia, que se não sente tocada, e muito menos ferida no vivo, não se manifesta, nem repugna. E assim com huma charidade tranquillissima, e que estremeceria, e tremeria com perder huma pouca de fazenda, ou huma casa, se sacrificão alegremente com a imaginação, fazenda, honra, e mil vidas. Deos porem está vendo o nosso coração, e conhece cabalmente qual he o seu estado, e as suas disposições: e ao mesmo tempo que imputa a grande merecimento hum *eu vos amo* simples, porem proferido com huma grande e vigorosa charidade, capaz com effeito de sacrificar a vida, não apreça senão em muito pouco huma expressão magnifica, porem pronunciada por huma charidade fraca e enferma, que não he boa senão para dizer palavras, e que desaparece quando se trata de obrar.

Comtudo por outra parte estas expressões vivas são muito uteis, para excitar o nosso affecto, quando vão acompanhadas de huma sincera humildade, pela qual nos estamos envergonhando de proferir palavras tão altas com hum amor tão baixo, e nos excitaão a gemer diante de Deos a nossa pobreza, manifestada e descuberta pela confrontação, que della fazemos, com aquellas sublimes formulas: do mesmo modo que hum anaõ entaõ conhece quaõ piqueno he, quando se abraça com hum gigante.

Porem se nos lisongea-mos de estar-mos no estado, em que seria conveniente que estivesse-mos, para applicar-mos com verdade a nós aquellas formulas, por nos parecer que as pronunciamos sinceramente e fervorosamente, en-

tão

taõ hum tal exercicio he taõ pouco meritorio, que antes huma semelhante lingoagem faz com que Deos se estomague, e o ponha a ponto de nos vomitar da sua boca.

Esta he a particular doença da tibieza; e a que fez com que Deos annunciasse ao famoso Bispo de Laodicea: *oxalá que tu fosses (a) ou frio, ou quente: mas porque tu és mórno, e nem és frio, nem quente, estou em termos de te vomitar da minha boca.* O que he quente, he verdadeiramente fervoroso, diz a Deos bellas palavras, e as diz com verdade: Deos nisso he honrado, agrada-se, e o premeia. O que he inteiramente frio, se nada diz a Deos, ao menos não o enfastia com as suas jaçtancias. Porem o que he tépido, facilmente se lisongea de ter os grãos de amor, que não tem: he pobre, e gloria-se de ser rico: diz (b), *sou rico, e enriquecido estou, e não tenho necessidade de nada: e não sabe que he hum coitado, hum miseravel, hum pobre, hum cego, e nú.* Diz que he rico, e que de nada necessita, aquelle que diz: *amo-vos com todo o meu coração:* e crê dize-lo com verdade, porque se gloria de ter a plenitude da charidade, que he a nossa unica e verdadeira riqueza, fóra da qual não ha necessidade de cousa alguma mais. Se a tibieza não tivesse annexo a si este vicio, seria hum mal menor do que he a frieza: e Deos se apartaria primeiro do frio, do que do tépido. Porem a tibieza gera a presumpção,

e

(a) Apoc. c. 3. v. 15. *Utinam frigidus esses, aut calidus, sed gula nec frigidus es, nec calidus, sed tepidus, incipiam te vomere ex ore meo.*

(b) Ib. v. 17. *Dicis quod dives sum, et locupletatus, et nullus ego: et nescis quia tu miser es, et miserabilis, et pauper, et cæcus, et nudus.*

e a soberba, a que Deos resiste. *Porque tu és tēpido, e nem és frio, nem quente, estou em termos de te vomitar da minha boca. Porque dizes (eis aqui a verdadeira razão), porque dizes, rico sou, e enriquecido estou, e não tenho necessidade de nada: E não sabes que és hum coitado, hum miseravel, hum pobre, hum cego, hum nũ.*

4. A pedra de toque, por onde se deve discernir sem equívoco, quando as formulas se tem pronunciado com verdade, e fazer-se patente o maior ou menor merecimento, que com ellas havemos adquirido, não he nem a ternura, nem a sensibilidade, nem as mesmas lagrimas, como nem tambem o he do contrario a secura: a pedra de toque são as obras: *A mostra das obras he a prova do amor (a)*. Se as obras são grandes e continuas, as expressões as mais ordinarias valem muito, porque são a voz de hum coração inflamado em huma grande charidade: ainda mesmo na secura a maior, em que apenas se podem proferir as palavras, essas palavras, ao parecer languidas, são hum clamor verdadeiro, que sóbe aos ouvidos de Deos, quando os factos relevantes attestam irrefragavelmente que o coração arde, quando parece resfriado. Pelo contrario, dizia S. Agostinho, *quando as obras não correspondem, por mais sublime que seja a jaculatoria, que hum diz; por mais que faça soar com a lingua Alleluia; aindaque se occupe nisso todo o dia, e toda a noite, disso não faço caso, procuro obras (b)*. Porisso ás bellas palavras do

(a) *Probatio amoris exhibitio est operis.*

(b) *In Psal. 149. n. 2. Dicat quod vult, linguis sonet Alleluia, dicat tota die, dicat tota nocte, non vident aures meae inclinantur ad vocem cantantis, sed querunt mores operantis.*

do Bispo de Laodicea, que se gloriava de ser rico em charidade, Deos lhe contrapõe as suas obras, as quais manifestavaõ a sua pobreza (a). *Tu dizes: Rico sou: Eu sei as tuas obras, que não és nem frio, nem quente.*

Peloque ás almas, que são semelhantes a este Bispo, que se manifestaõ pobres pelas suas obras, nûas, e miseraveis; e nas quais as expressoens de hum amor perfeito, em vez de excitarem nellas o conhecimento de si mesmas, e fazer-lhes abrir os olhos e humilha-las, pelo contrario lhes nutrem a presumpção; a estas almas, digo, he preciso dar o conselho que Deos deu áquelle Bispo (b): *Aconselho-te que me compres ouro provado no fogo, para te fazeres rico, e habitos brancos para te vestires, e para esconderes a tua vergonhosa desnudez, e hum collyrio, para applicares aos teus olhos, para vêres.* Põe de parte as palavras magnificas, e deixa-as para aquelles, que tem thesouros de obras grandes. Tu porem falla como pobre, e mendigo que és. Recorre a huma oração humilde. Compra com petiçãoes humildes, que he o dinheiro proprio dos mendigos, o ouro puro da charidade, os habitos das virtudes, o collyrio da humildade, e do conhecimento de ti mesmo. Dize com o cego do Evangelho: *Senhor, dai-me vista;* e com o leproso: *Se quizerdes, podeis-me purificar:* e, o que ainda convem melhor aos mendigos, pede pão, e dize, segundo o Senhor nos tem ensinado: *O pão nosso de cada dia nos dai hoje.*

P

S.

(a) Apoc. c. 3. v. 18. (b) *Ibid.* v. 14 15.

§. IX.

Dos Offerecimentos, Intenções, e Paños.

TAMBEM pertencem ao exercicio da charidade os Actos chamados *Offerecimentos*, as *Intenções*, e certos actos, chamados *Paños*. He preciso pois, para exhaurir a materia das virtudes Theologaes, o dizer tambem alguma cousa delles, e com tanto maior razaõ, por ser este o lugar de o fazer com utilidade.

Dos Offerecimentos.

OFFERECER-se cada hum a Deos, he hum Acto excellente de charidade: he hum exercicio tanto mais do nosso dever, quanto he util para excitar a nossa piedade: he summamente recõmendado pelos Santos, e com toda a justiça; porque este acto não he em substancia outra cousa mais, do que hum proposito de querer ser todo de Deos. Não se pôde bastantemente recõmandar aos fieis o uso frequente deste acto. He muito melhor dizer: *quero-vos amar com toda o coração*, do que dizer: *amo-vos*. Porquanto aquella expressãõ he mais *humilde*, e mais *facil* de dizer-se com verdade; porque he mais facil o propor fazer, do que fazer, e he ainda mais facil o poder affirmar, que isso se faz verdadeiramente; finalmente he mais *efficaz*, porque o proposito influe na obra, ao mesmo tempo que a simples expressãõ de que se ama não influe, ao muito, mais que em alguma pia cõmoçãõ.

He preciso porem advertir aqui, que hum offerecimento total de si mesmo a Deos, he
hum

humã cousa grande, e que não pôde ser feito com verdade, senão por quem tem humã grande charidade. *O animo*, como diz S. Agostinho, *quando manda a si, faz-se-lhe resistencia*. Em quanto durar a concupiscencia, a vontade de entregar-se a Deos, nunca pôde ser plena e completa. Porque, como diz S. Agostinho, *ella não manda inteira e plenamente, e porisso não se faz o que ella manda*. Este he aquelle grande negocio, em que se occupão os Santos por toda a vida, e a que se dirigem todos os seus gemidos, as suas vigílias, a maceraçãõ da sua carne, e todos os seus esforços; e vem a ser, o fazerem de si hum verdadeiro offercimento a Deos. Isto pois para os principiantes he humã cousa muito forte. Será melhor, ao meu parecer, o aconselhar-lhes, que façãõ offercimentos particulares, com os quais vão pouco a pouco despojando-se de si mesmos; hoje de humã cousa, á manhã de outra, até que cheguem a renunciar a todas as cousas que possuem, e a serem verdadeiros discipulos de Christo. Deve tambem advertir-se-lhes, que não façãõ semelhantes offercimentos por modo de proposito, mas que peçaõ a Deos, com humã humilde oraçãõ, forças para a vontade, a fim de os fazerem generosamente, e para os cumprirem com fidelidade. Isto he o que pedimos a Deos especialmente no *Padre nosso*, quando dizemos estas palavras: *seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu*.

O tempo mais opportuno para estes offercimentos he o do santo sacrificio, aonde Christo, nossa Cabeça, se oferece por nós, e com nosco ao Padre Eterno. Nós não assistimos perfeita-

mente áquelle sacrificio , se ao mesmo tempo nos não sacrificamos com esta nossa Cabeça (que he victima) ao nosso Pai , para todos os fins de adoração , acção de graças , expiação dos peccados , e impetração dos seus dons. O mesmo se deve dizer da cômunhão , que he huma parte do sacrificio , quando esta se faz no tempo do sacrificio com o Sacerdote.

Offerecer a Deos pela manhã todas as obras daquelle dia , he huma especie de proposito de querer obrar naquelle dia sempre para gloria de Deos. He esta huma pratica util , e que se deve recomendar aos fieis. He preciso porem igualmente adverti-los , para que lhe não dem maior valor do que he justo , e maior do que tem diante de Deos. Este offerecimento he hum proposito , e nada mais. E assim o seu valor deve-se calcular pela regra dos propósitos , os quais valem mais ou menos , segundo são mais ou menos efficazes , relativamente á pratica das obras. Peloque crêr que se tem na realidade obrado tudo para gloria de Deos naquelle dia , por se haver feito pela manhã aquelle offerecimento , he huma illusão manifesta , a qual com effeito se vai espalhando pelo povo , já com livrinhos , já com instrucçoens de viva voz. Illusão manifesta , pois huma cousa he propor fazer , e outra cousa he faze-lo ; esta illusão he perigosa , porque nos dá huma falsa idea da justiça christãa , e tira a necessidade da vigilancia christãa , e da continua abnegação da vontade propria , e o cuidado de extinguir a concupiscencia , para que as nossas obras sejam na pratica verdadeiramente feitas para gloria de Deos.

Das Intenções.

2. **A**inda ha maior perigo de illusão naquelles actos, que se chamaõ *Intenções*. Primeiramente ha alguns que ensinaõ, que pela manhã se deve dizer: *Tenho intenção, de que todas as acções deste dia sejam feitas para gloria de Deos.* Refletir pela manhã na obrigação, que ha, de dirigir por todo o dia cada huma das nossas acções a Deos, he cousa muito util. O propor faze-las effectivamente para gloria de Deos, como acima dissemos, he ainda mais util, posto que isso não baste, como se tem dito. Porem se o dizer *Tenho intenção* não significa *proponho*, e porisso aquella intenção não he hum offercimento e hum proposito, entãõ parece-me ser huma expressãõ, (muito principalmente quando he proferida por almas pouco fervorosas e inefficazes) que de sua natureza quasi nada influencia nas obras do dia; nem determina a vontade mais para huma do que para outra cousa; nem se pôde dizer que em virtude daquella intenção se haja feito mais huma do que outra obra; nem que se haja obrado mais, do que se haveria obrado sem ella. Se porem aquella expressãõ *Tenho intenção* quer dizer, que se tem huma certa segurança de que se hade fazer para gloria de Deos tudo quanto naquelle dia se hade fazer, entãõ he huma expressãõ falsa, que ha de ser desmentida pelos factos contrarios: e de mais a mais he huma expressãõ, a qual especialmente na boca das pessoas ordinarias (quando não seja precedida, ou seguida de huma oração muito humilde e fervorosa, pela qual se peça a Deos as obras correspondentes a huma

de-

declaração tão forte) he cheia de huma muito vaidosa presumpção das proprias forças, e está cheia de huma cegueira manifesta a respeito da miseria humana, da necessidade do auxilio divino, e das fadigas que custa o ter huma intenção recta, e pura em todas as nossas acçoens.

O', e quão mais grave e solida he a instrucção, que nos dá a Igreja, nossa Mãe, a respeito do exercicio quotidiano da manhã! Não sei porque, em lugar de se inventarem todos os dias novas praticas de piedade, não se insista vigorosamente em conservar os povos unidos ás praticas seguras e gravissimas da Igreja, e em dar-lhes toda a sufficiente instrucção, para entrarem no seu espirito, e se conformarem ás suas intençoens. Na hora Canonica de Prima ella tem posto o exercicio da manhã para os seus filhos. Aquella santa oração não foi tambõmente composta para os Ecclesiasticos. Foi composta para todo o povo, que ella suppõe assistir alli, tendo á testa os seus Pastores. O' quão humilde e suavemente, e com quanto fervor ora esta Esposa de Deos, e geme esta casta Pomba! Naquella oração não encontramos nem offerecimentos, nem propositos, nem intençoens. Aindaque tudo isto em si seja bom, e usando-se bem d'elle possa ser util, comtudo a Igreja se occupa naquillo, que por huma parte encerra propositos, offerecimentos, e intençoens, e os encerra com maior vantagem, fazendo-os praticos e efficazes; e por outra parte não dá lugar nem ás illúsoens, nem ás altivezas: entrega-se á oração. Com ella pede a Deos aquillo, que não ousa nem propor, nem offerecer ao mesmo Deos. Ella conhece e ensina aos seus

filhos a conhecerem, que a vontade pelo Senhor he, que he preparada (*preparatur voluntas a Domino*), e porisso ensina a pedir a Deos essa mesma vontade, isto he, os mesmos propositos: ensina que de Deos se deve esperar não só o querer (*velle*), mas tambem o fazer (*perficere*); e porisso ensina a pedir a Deos o cumprimento dos propositos, e das pias intençoens, que elle nos tem inspirado. Ella não nos ensina a dizer: *Eu dirijo* (*Dirigo*), mas sim a dizer: *Senhor Deos Rei do céu e da terra dignai-vos dirigir* (*dirigere dignare &c.*), *santificar, reger, e governar no dia de hoje os nossos coraçoes e corpos, os nossos sentidos, palavras e obras, no cumprimento da vossa lei, e na execuçaõ dos vossos mandamentos.* Repete sim naquella mesma hora Canonica tres vezes, com hum santo gemido, *Senhor ajudai-me com o vosso soccorro* (*Deus in adiutorium meum intende*); que he huma jaculatoria pia, propria na verdade para confessar-mos a grandeza dos nossos males, que precisaõ de hum continuado remedio; propria para expressar a bondade de Deos, que se acha prompta para nos soccorrer; para expressar o seu poder capaz de vencer em hum instante os obstaculos da nossa salvaçaõ; porem ao mesmo tempo jaculatoria cheia de humildade, de fé, de confiança, e porisso usada da mesma Igreja no principio de todas as horas Canonicas. Parece-me que ninguem se deve affastar deste espirito: mas antes que, vendo-se como os povos se achão inclinados a passarem insensivelmente para outros methodos, devem-se incançavelmente refrear neste ponto de novidade, e conserva-los com destreza, mas efficaçmente, unidos ao modo de proceder da Igreja nossa Mãe e Mestra.

E que diremos daquellas *Intenções*, que tem por objecto o que he impossivel? Conseruo huma folha impressa, que tem, alem de outros Actos de virtudes Theologaes, e de contrição, tambem hum,, Acto de offerecimento, que,, todo o fiel christão, deseioso de enriquecer a,, sua alma *de infinitos merecimentos*, deve dizer cada manhã. Não traz nome do Author. Comtudo tenho indicios de ser composto por hum Religioso de grande piedade, porem morto ha muitos annos, e para o qual tenho huma grande veneração. Este Religioso era tam amante da divina gloria, e da verdade, que estou certo, que hade agradecer lá no céu a censura, que vou a fazer ao seu *Acto de offerecimento*, para cooperar ao bem das almas, de cuja salvação foi muito zeloso. Neste Acto, entre outras coufas, diz assim: *Tenho intenção de assistir a todas as Missas, que hoje se celebrarem em todo o mundo.* He verosimil, que haja alligado a esta intenção de ouvir todas as Missas do mundo, o ganhar aquelles *infinitos merecimentos*, de que falla no titulo do Acto. A' vista disto qualquer está vendo, que se para ganhar o merecimento de assistir á Missa, não he necessario assistir a ella realmente, mas basta ter a intenção de assistir a ella, se poderá sem maior trabalho acrescentar ainda mais infinitamente a infinidade daquelles merecimentos, dizendo: *Tenho intenção de assistir a todas as Missas, que se tem celebrado desde o principio da Igreja, e se hão de celebrar até ao fim do mundo;* porque he tanto possivel o assistir a todas as Missas do mundo de hum dia, como o he ás de todos os seculos da Igreja.

Dup Do mesmo caracter são outras *Intenções*,
 que se têm em outros: *Tenho intenção de querer
 amar a Deus com aquelle amor, com que o amaõ
 os Santos no cõo, os Anjos, os Serafims, e a San-
 tissima Virgem.* Será porventura possível amar a
 Deus nesta vida, nem ainda com o infimo grão
 com que o amaõ os Bemaventurados? Não só
 nos não he possível chegar a tanto, mas nem
 ainda chegar a comprehender quaõ grande seja
 aquelle amor; porque, como diz S. Agostinho,
Será maior do que tudo o que podemos perceber.
 O mesmo se deve dizer daquelloutras expres-
 soens, com que se tem tenção de unir as suas
 intenções ás dos Santos mais perfeitos, ás da
 Virgem Santissima, e de JESUS Christo mesmo,
 quando andavaõ sobre a terra. Reduzamos as nos-
 sas intenções ao que he possível, e ao que he
 pratico e verdadeiro. Estes refinamentos de pie-
 dade, estas novas invenções, estes estratagemas
 de fazer sem fazer, desconhecidos na Escritura,
 nos Padres, e na Igreja, são producções de
 Authores, na verdade muito pios e bem inten-
 cionados, mas nesta parte pouco providos de
 luzes opportunas: porisso são quasi inuteis, por-
 quanto não pôdem mudar a natureza do verda-
 deiro merecimento, o qual está annexo a obras
 verdadeiras, e não a huns semelhantes dilirios
 pios; e he correspondente não áextenção ou su-
 blimidade dos objectos, que se pôdem abarcar
 com a imaginação, mas sim aos grãos da chari-
 dade, que os produzem: taes methodistas são
 guias apparentes do caminho do cõo e da perfei-
 ção; e na realidade vem a fer, contra ás suas in-
 tenções, verdadeiros, para assim dizer, desvia-
 dores, que apartaõ as almas da estrada real e pe-
 no-

noſa , pela qual ſe deve andar , para adquirir merecimentos , não infinitos , mas mediocres : comeſfeito quem haverá que queira trabalhar e ſuar andando pela eſtrada velha tão eſcabroſa , na qual , depois de hum ſe ter aſſadigado aſſaz , acha ter dado poucos paſſos ; quando de novo por eſtes novos Architectos ſe tem aberto huma nova eſtrada , pela qual ſe dão milhares de milhares de paſſos , ſó com hum facillimo paſſo de hum acto , em que digo : *Tenho intenção?* Todos ſão naturalmente inimigos do trabalho. E aſſim ſe eſtes novos methodos entraõ a ter credito , em breve ficarã deſerta a eſtrada antiga e velha.

Dos Paços.

3. DA meſma natureza ſão tambem aquelles , que em certos livros modernos ſão chamados *Paços* ou *Convençoens*, pelas quais ſe celebra huma eſpecie de ajuste com Deos , em que ſe tem *intenção* de repetir tantos actos v. g. de amor , de contrição &c., todas as vezes que ſe fizer certa couſa , a qual ſe expreſſa no tal ajuste.

Alguns deſtes ajustes e paços ſão arrazoados , e tem aquella utilidade , que lhe he correspondente. Por exemplo : tem hum compoſto huma ſerie de Actos de Fé , Esperança , e Charidade , Contrição , Acção de graças , Offerecimento , Deprecação &c. , e formulados com muitas palavras affectuoſas , para ſe internar mais neſtas virtudes e exercicios : e he diligente em pratica-los cada dia. Porem porque pôdem occorrer dias de muita occupação , nos quais não terá tempo para rezar os ſeus actos extenſos , tem á mão outros tantos actos do meſmo genero ,

porem reduzidos a poucas palavras. E assim faz hum pacto com Deos, que todas as vezes que rezar os actos breves, tem *intenção* de dizer a Deos tudo aquillo, que costumava dizer-lhe, quando podia rezar os actos mais extensos. Isto he arrazoado, porque comeffeito pôde-se dizer o mesmo em mais breve; e o coração, muito mais veloz que a lingua, pôde com a sua energia supprir, em huma vista de olhos, ao que se quereria dizer com hum grande arzeoado.

A's vezes porem o pacto he ridiculo, como quando se quer pactuar com Deos, que se tem *intenção* de fazer v. g. hum acto de amor todas as vezes que se respirar, ou que bater o coração, ainda quando se dorme. A pezar deste pacto, poderaõ por ventura as respiraçoens, e as pulsaçoens do coração ser outra cousa mais do que puros movimentos físicos do orgão corporeo? E assim sem razão temos *intenção*, ou pretendemos que huma cousa seja aquillo, que não pode ser. Deos, que conhece bem a natureza das cousas, pode muito bem agradar-se de huma expressão desta casta, a qual, sendo original, pode ser indicio de huma charidade fervorosa; não pode porem tomar huma cousa por outra disparatadissima. Comeffeito com esta pia illusão podem as almas vir a cahir em formarem huma idea vã de thesouros imaginarios, adquiridos por este modo, desvanecerem-se, e pôrem o seu cuidado principal neste exercicio chimerico, e diminuir a applicação, que devem ter, aos exercicios solidos e trabalhosos, os quais só nos ensina o Evangelho. Quem quizer vêr mais nesta materia, lea o Tractado da Oração de Monsieur Chanterefme, parte 2. livr. I. c. 4. 5. 6. e 7.

Con-

Concluirei fazendo esta reflexão; que o mundo, que se acha tam inclinado ás modas nos vestidos, fabricas, musica, nas conversações, estudos, e em tudo o mais, que he do seculó; tambem se mostra deseioso de novos methodos, ainda mesmo nas cousas pertencentes á piedade; e já agora nos parecem pouco polidos, e cheios de huma bondade rustica os Santos dos primeiros Seculos, que não conheceraõ estas nossas subtiz invenções: tambem nos parecem mal dirigidas e ordenadas as obras asceticas dos Padres, por não acharmos nellas as precisoens e os termos da arte, que agora se usaõ: igualmente nos parecem antigalhas as praticas da Igreja a respeito da oração, porisso pouco entendidas, e menos estudadas. O celebre Muratori na sua *Devoção Regulada* mostrou muitos dos erros da devoção moderna: e podiaõ-se-lhe accrescentar outros tantos. Cada dia se vai introduzindo alguma cousa de novo, e se deixa alguma cousa do que era antigo. Nosso Senhor, o qual desde o principio, como Soberano Architecto, levantou na Igreja o grande edificio da verdadeira piedade, e que bem sabe que as alterações, ainda minimas, não só não melhoraõ, mas deterioraõ hum edificio, que he o espanto das nações infieis, sedigne imprimir no coração de todos aquelle sabio dito, que elle fez lembrar em outro tempo, pelo seu Profeta Jeremias, aos Hebreos: *Ponde-vos nos caminhos, e vêde, e indagai, qual dos antigos caminhos he o bom, e andai por elle, e achareis o descanso para as vossas almas (a).*

(a) Jerom. c. 6. *State super vias, & videte, & interrogate de semitis antiquis, quæ sit via bona: & ambulate in ea, & inveniatie requiem animabus vestris.*

I N D I C E.

Parecer sobre os Actos chamados de Fé,
Esperança, e Charidade: e de outras
Virtudes christãs.

P A R T E P R I M E I R A.

- §. I. *Q*UÃO importante seja o acclarar, e
bem estabelecer este ponto da Doutrina Chri-
stãa. pag. 3
- §. II. Obscuridade, que se encontra nos Theolo-
gos Escolasticos sobre este ponto. 6
- §. III. He preciso inquirir sobre a causa desta
obscuridade, para a tirar 15
- §. IIII. A lingoagem peripatetica das Escolas he
a causa desta obscuridade. 18
- §. V. Obscuridade do vocabulo Actos: differente
sentido, que por huma parte lhe daõ os Escol.
e por outra a Escritura, a Igreja, e o povo. 26
- §. VI. Não se pode facilmente mostrar, qual seja
o preceito especial dos Actos das virtudes Theo-
logaes, tomados no sentido dos Escolasticos. 34
- §. VII. Exposição da difficuldade na prática. 43
- §. VIII. He preciso pois voltar á lingoagem da
Escritura, da Tradição e do Povo. Que cousa
sejaõ os Actos nesta lingoa. E primeiramente dos
Actos de amor. 49
- §. VIIII. As virtudes Theologaes não são virtu-
des puramente interiores, e que não tenhaõ ou-
tros actos proprios, senão os internos, mas in-
fluem em todos os actos internos e externos do
Christão. 52
- §. X. Mostra-se isto primeiramente a respeito da
fé. E como se deva entender o que dizem os Esco-
last. que ella se deve renovar muitas vezes. 54

- §. XI. Mostra-se o mesmo da Esperança e da Charidade. 66
- §. XII. Distinção famosa do amor em effectivo e affectivo do P. Sirmondo. Como se lhe deve responder para restabelecer inteiramente a sagrada doutrina da Charidade Christãa; e de algumas outras distincções escolasticas. 70
- §. XIII. Os Authores das proposições condemnadas tomavaõ os Aétos das virtudes Theologicas no sentido do P. Sirmondo. Quão justa foi a sua condemnação. 80
- §. XIII. Os Escolasticos modernos, ao mesmo tempo que combatem a doutrina do P. Sirmondo, e a dos Authores das proposições condemnadas, não se affastão bastantemente dos inconvenientes da sua doutrina. 90
- §. XV. Que por outra parte os mesmos Escolasticos confirmão a doutrina, que havemos estabelecido, acerca do sentido amplo, que se deve dar á palavra Aétos. Que este he em substancia o mesmo parecer e doutrina de S. Thomaz, 98
- §. XVI. Que em substancia isto mesmo he o parecer e a doutrina de S. Thomaz. 106
- §. XVII. Da obrigação que ha de referir todas as acçoens a Deos; obscuridades suscitadas acerca deste importante ponto. Difficuldades sobre S. Thomaz; propõe-se a solução dellas. 108
- §. XVIII. Sentimento e intelligencia de S. Thomaz a respeito da relação habitual, virtual, e actual das acçoens humanas para Deos. 118
- §. XIX. Outra difficuldade acerca de S. Thomaz: em que sentido ha obrigação de referir as acçoens a Deos, logo desde o primeiro uso da razão. 125
- §. XX. Resolve-se a questão, de quando ha obrigação dos aétos das virtudes Theologaes debaixo de culpa grave. 128

- §. XXI. Em todos os Domingos e dias santos festivos tem obrigação o peccador de depor o affecto ao peccado mortal, e principiar ao menos a sua conversão. 138
- §. XXII. He assaz provavel, que haja huma igual obrigação nos dias destinados pela Igreja ao jejum e a penitencia. 145
- §. XXIII. Como se devem referir as nossas acçoens a Deos, para fugir do mesmo peccado venial, e tambem para obrar com perfeição. 149
- §. XXIV. Regras para discernir na pratica, quando as nossas acçoens se referem a Deos verdadeiramente. 164
- §. XXV. Epilogo e prática para os Cathecismos. 167

PARTE SEGUNDA.

- §. I. **S**E ha necessidade de novas Formulas para o exercicio das virtudes Theologaes, alem das que nos ensina a Escritura, e a Igreja. 173
- §. II. Excellencia das Formulas da Escritura e da Igreja. 180
- §. III. Parallelo entre us Formulas da Igreja e as modernas. 187
- §. IIII. Utilidade das Formulas modernas. 195
- §. V. Advertencias para bem se comporem us Formulas modernas. 197
- §. VI. Advertencias acerca das Formulas da Esperança. 203
- §. VII. Advertencias para o Aeto de Charidade. 208
- §. VIII. Advertencias para a reza das Formulas. 217
- §. IX. Dos Offerecimentos, Intençoens, e Paetos. 226

Fim do Indice.

CATALOGO

De alguns Livros Portuguezes com os seus preços em papel, que se vendem em casa de Antonio Barneoud, Mercador de Livros em Coimbra, Administrador da Imprensa da Universidade; e em Lisboa na de Dubeux e Barneoud ao Chiado, defronte da Igreja dos Martyres.

- A**rchitectura de Vignola, traduzida em Portuguez, com 90 Estampas abertas em Cobre, por ***. 1 vol. em 4º - - - 2000
- Amigos Rivais, Historia Ingleza. 1 vol. em 8º (1790) - - - - - 240
- Costumes dos Romanos, traduzidos em Portuguez. 1 vol. em 8º - - - - - 480
- Chronica dos Reis de Portugal por Duarte Nunes do Leão. 2 vol. em 4º - - - 10600
- Catecismo Historico, por Fleuri. 1 v. em 8º 240
- Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural, com sua Explicação, e Estampas, para facilitar a intelligencia dos mesmos, pelo Dr. Domingos Vandelli. 1 vol. em 4º - - - - - 10800
- Elementos de Filosofia Moral, por Antonio Soares Barbosa, Lente Jubilado de Filosofia Racional e Moral em Coimbra. 3 v. em 8º - - - - - 10200
- Elevações a Deos sobre todos os Mysterios da Religião Christã, ou Moral Evangelica, traduzidos da Lingua Franceza, de Bossuet. 2 v. em 8º - - - - - 640

Escóla Popular das Primeiras Letras dividi-
da em quatro partes, 1. vol. em 8º - - - 660

Tambem se vende cada huma parte separada, a saber.

I. *Orthoepia*, ou boa pronunciação e leitura
da Língua Portugueza. - - - - - 100

II. *Catecismos* de Doutrina e Civilidade
Christã. - - - - - 100

III. *Calligraphia* e *Orthographia*, ou Arte de
escrever bem, e certo a Língua Portu-
gueza, com 9 Estampas, ou Traslados. - 300

IV. *Arithmetica Vulgar* com 9 Taboadas. - 160

Vendem-se separadas da Obra as

{	Cartas - - - - -	50
	Traslados - - - - -	160
	Taboadas - - - - -	20

Floræ Lusitanicæ & Brasiliensis Specimen:
Et Epistolæ Clar. a Linné & Ant. de
Haen ad D. Vandelli scriptæ, cum Fi-
gur. 1 v. em 4º - - - - - 600

Historia de Portugal composta em Inglez por
huma sociedade de Literatos com as addicoens
da versãõ Franceza, tradusida por Antonio de
Moraes e Silva. 3 vol. em 8º - - - - - 1: 200

Historia universa Veteris, ac Novi Testamen-
ti. 1 vol. em 24 - - - - - 250

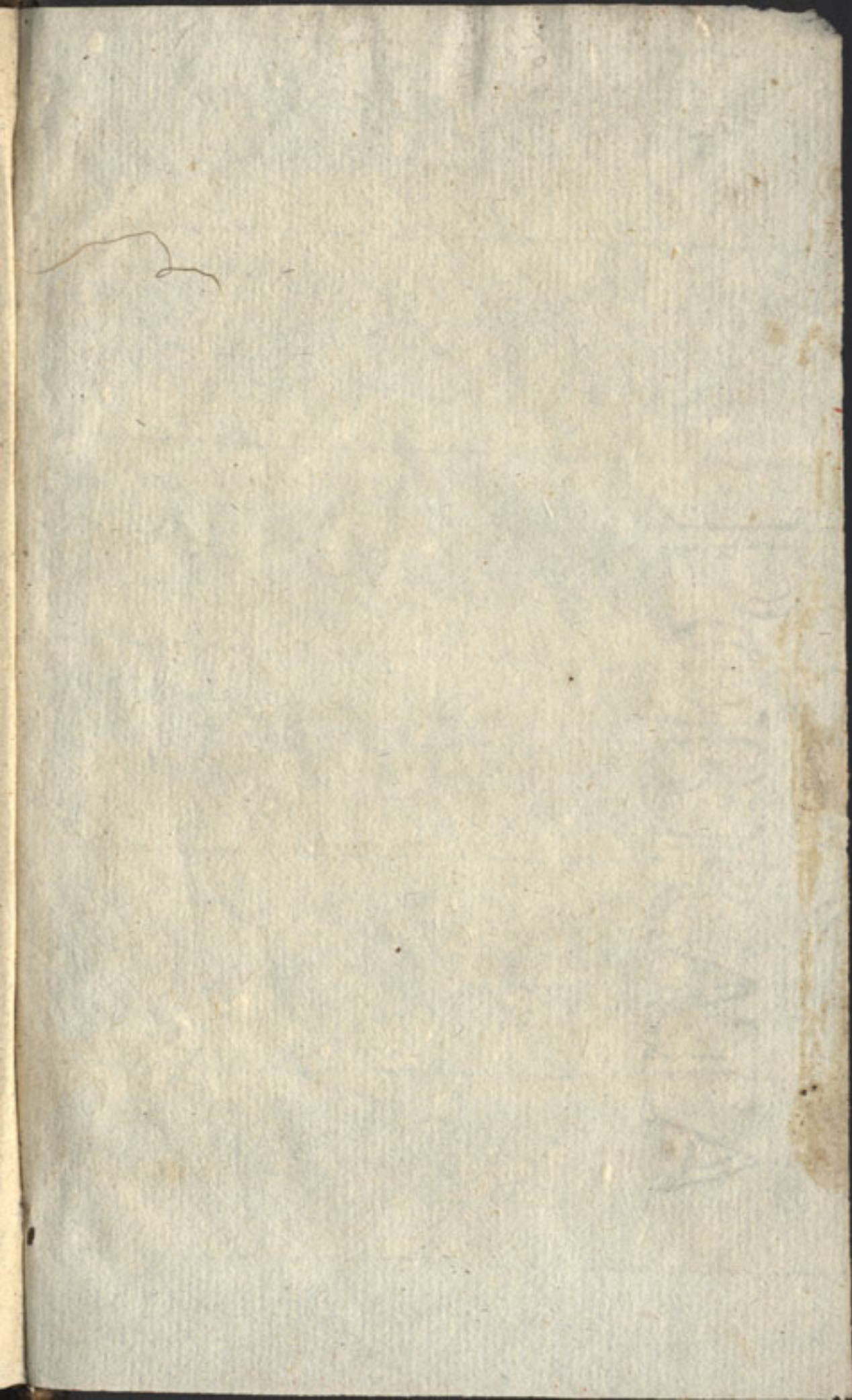
Horas da Semana Santa com Estampas finas,
em Portuguez, accrescentadas com o Tex-
to dos Sagrados Evangelistas correspon-

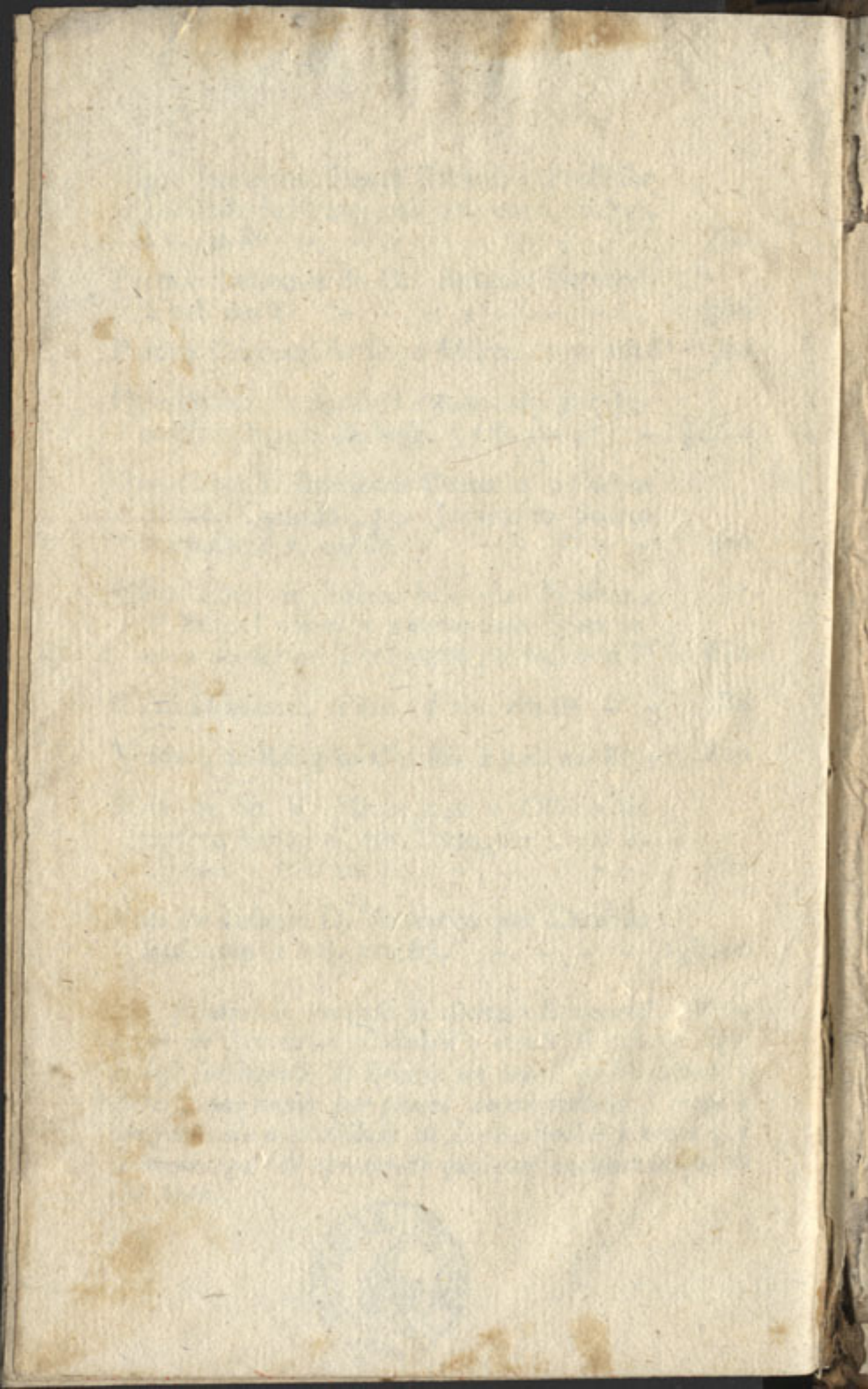
- dente a cada huma das Meditações, e
 com devotas Orações para antes e depois
 da Confissão e Cómunhão. 1 v. em 8º - 600
- Idillios de Gesner, 1 vol. em 12º - 300
- Instruccões de Latinidade que hum Professor
 dá aos seus Discipulos. 1 v. em 8º (1791) 480
- Lusitania Transformada composta por Fernão
 d'Alvares d'Oriente. 1 vol. em 8º - 480
- Mercador exacto, ou modo facil de arrumar
 os livros de contas, por Bonnavie. 1 vol.
 em fol. - - - - - 960
- Nova Escóla de Meninos, ou Methodo fa-
 cil para ensinar a lêr, escrever, e contar,
 com 13 Traslados. 1 vol. em 4º - 600
- Novissimas Orações Sacras panegiricas por
 hum Benedictino. 2 vol. em 8º (1795) 720
- Novenario geral que comprehende todas as
 Novenas das Festividades de Christo nosso
 Redemptor, dos Mysterios, e Invocações
 de Maria Santissima, e de todos os San-
 tos e Santas da maior devoção neste Rei-
 no, distribuido pelos dias do Anno con-
 forme o Calendario da Igreja. 7 v. em 12 20 400
- Ortographia da Lingua Latina por Alva-
 res. 1 vol. em 8º - - - - - 480
- Parecer sobre os chamados Actos de Fé,
 Esperança e Charidade. 1 vol. em 8º -
- Poetica de Horacio, traduzida e annotada

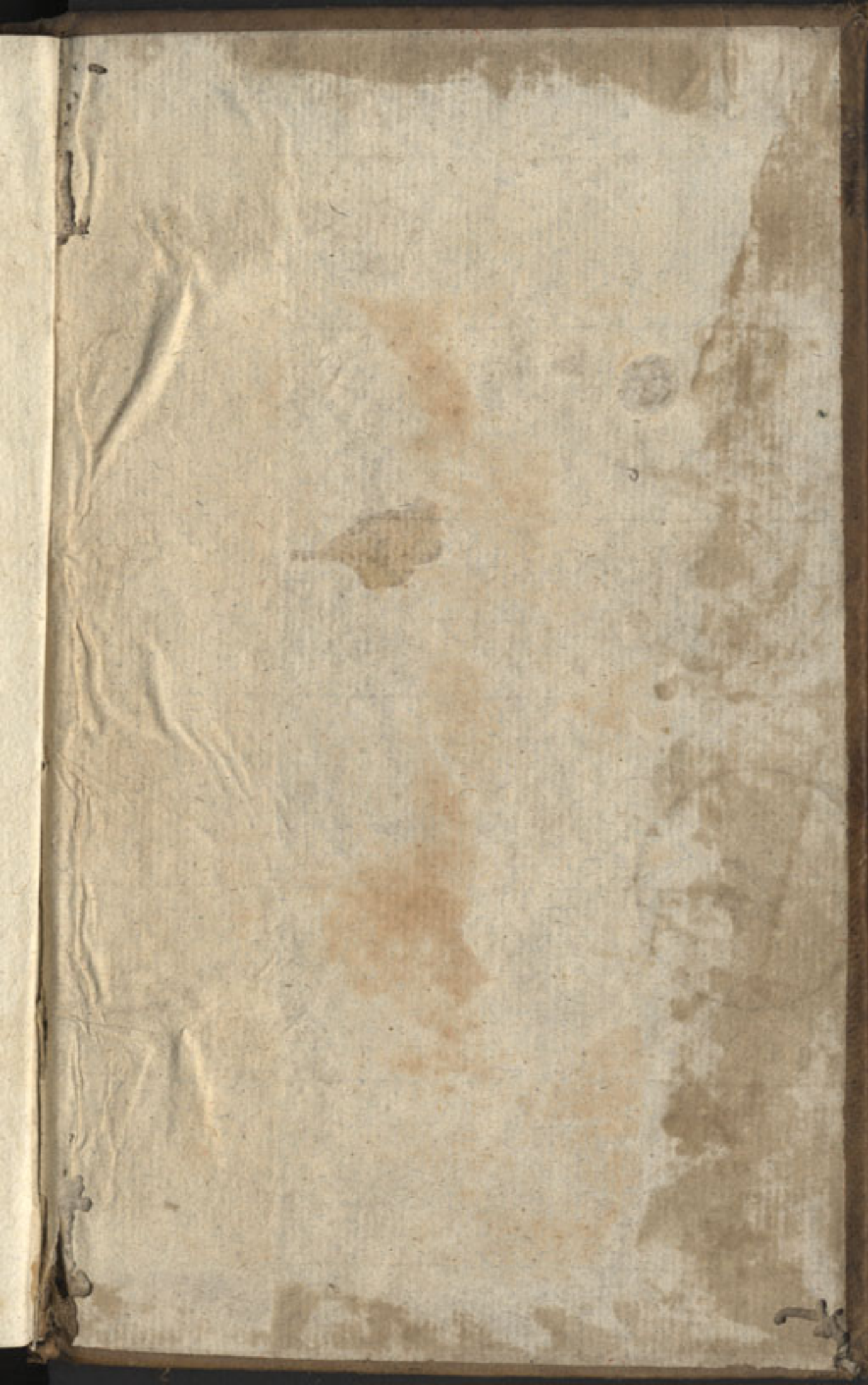
por Jeronymo Soares Barbosa , Professor Jubilado de Rhetor. e Poet. em Coimbra. 1 v. em 8º - - - - -	480
Poemas Lusitanos do Dr. Antonio Ferreira. 2 vol. em 8º - - - - -	960
Pratica Criminal do Foro Militar. 1 v. em 8º	360
Quintiliano , traduzido e annotado por Je- ronymo Soares Barbosa. 2 vol. em 4º - 1	810
Quintiliani Institutiones Oratoriæ ad usum Schol. Conimb. por Jeronymo Soares Barbosa. 1 v. em 8º - - - - -	400
Quintiliano de Pedro José da Fonseca , 2ª Edição correctã e emendada sobre as mais modernas Traducções. 2 vol. em 8º	640
Tevii Orationes. Paris. 1 vol. em 8º - -	480
Verdade da Religião Christã. 2 vol. em 8º -	800
Vida da SS. V. Maria com o Officio da mesma Senhora , em Portuguez , do P. Croiset. 1 vol. em 12. - - - - -	360
Vida do Infante D. Henrique por Candido Lusitano. 1 vol. em fol. - - - - - 1	600

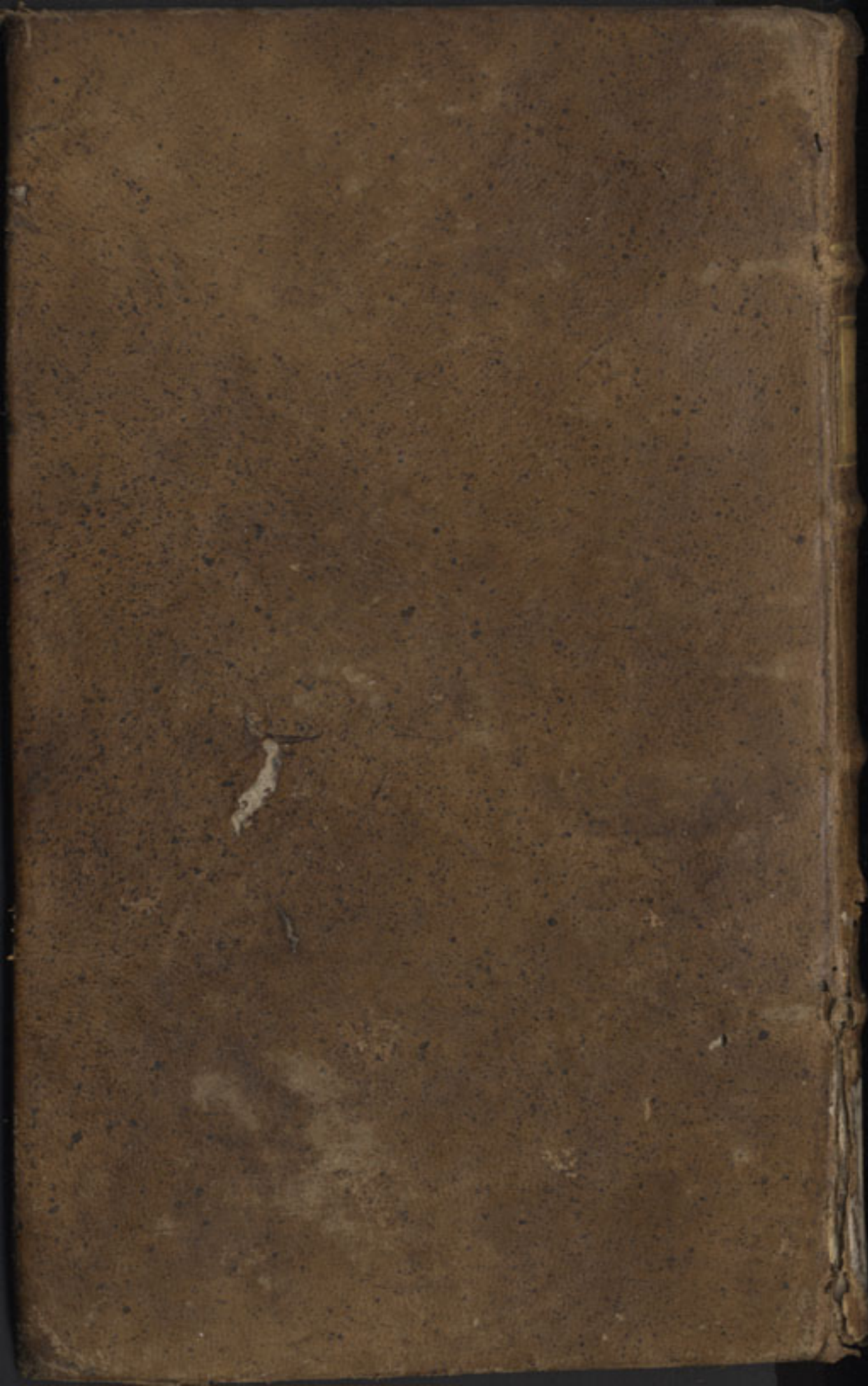
*Vendem-se em casa de Antonio Barneoud , Mer-
cador de Livros em Coimbra , aonde se acharã hum
copioso sortimento de Livros em todas as Sciencias e
Artes , que vende por preços accomodados , troca e
compra toda a qualidade de Livros velhos e novos , e
se encarrega de apromptar qualquer encomenda que se
lhe fizer.*











PAIS.
SOB: OS
ACT.